

CARNÍVOROS DO ESTADO DE SÃO PAULO

por
C. VIEIRA

Apezar de não ser grande o número de mamíferos encontrados dentro dos limites do Estado de São Paulo e tratar-se de animais de porte mais ou menos avantajado geralmente bem conhecidos pelas populações rurais do interior, grandes dificuldades oferece seu estudo sistemático, oriundas não só da escassez do material existente nos museus como também da grande confusão estabelecida pelos autores que trataram do assunto.

A minuciosa monografia sôbre os mamíferos do Brasil Meridional publicada em 1911 no volume VIII da Revista do Museu Paulista por HERMANN VON IHERING, não máis corresponde, passados hoje mais de trinta anos, aos modernos conhecimentos da fauna mastozoológica do Brasil, especialmente no que concerne aos félicas e cânidas.

Impõe-se portanto a revisão dos carnívoros brasileiros, trabalho que só poderá ser completado com abundante material proveniente de todos os pontos do país, o que infelizmente não é fácil de ser conseguido, em se tratando de animais em sua maioria noturnos, ariscos e sempre pouco encontrados.

Entretanto, tomando por base a coleção de peles e crânios atualmente existente no Departamento de Zoologia, damos aqui uma pequena revisão dos carnívoros que ocorrem no Estado de São Paulo de acôrdo com a moderna nomenclatura, redescrivendo, quando necessário, várias espécies e raças.

CHAVE PARA AS SUBORDENS, FAMÍLIAS, SUBFAMÍLIAS E GÊNEROS DE CARNÍVOROS ENCONTRADOS NO ESTADO DE SÃO PAULO:

- 1 — Carnívoros marinhos, adaptados à vida aquática; membros em forma de nadadeiras; molares pouco diferenciados *PINNIPEDIA*
(família OTARIIDAE, gên. *Otaria*)

- 2 — Carnívoros terrestres; membros normais; último premolar superior e primeiro molar inferior muito desenvolvidos e com cúspides cortantes . . . *FISSIPEDIA* 3.
- 3 — Digitigrados 4
Plantigrados ou semi plantigrados 5
- 4 — Unhas fortemente recurvas, agudas e retráteis; 30 dentes . . . *FELIDAE* 6.
Unhas pouco recurvas, obtusas e não retráteis; 42 dentes . . . *CANIDAE* 7
- 6 — Osso hióide suspenso por dois ligamentos elásticos *PANTHERINAE*
(único gên. **Panthera**)
Osso hióide articulado com o crânio *FELINAE* 8.
- 8 — Unicolores 9
Pintados 10
- 9 — Grandes (cabeça e corpo 1200 mm); colorido pardo **Puma**
Pequenos (cabeça e corpo 650 mm); colorido ruivo amarelado ou pardo cinza
Herpailurus.
- 10 — Médios (cabeça e corpo 600 a 830 mm); pêlos da nuca e pescoço superior arrepiados **Leopardus**
Pequenos (cabeça e corpo 500 mm); pêlos da nuca e pescoço superior lisos **Oncilla.**
- 7 — Pernas muito alongadas; orelhas muito grandes; pêlos da nuca e pescoço erectos, formando pequena crina **Chrysocyon**
Pernas não alongadas ou muito curtas; orelhas de tamanho regular; sem crina 11
- 11 — Pernas muito curtas; cauda curta **Icticyon**
Pernas de regular tamanho; cauda comprida 12
- 12 — Maiores (cabeça e corpo até 770 mm); focinho comprido; dente carniceiro superior muito desenvolvido **Cerdocyon**
Menores (cabeça e corpo até 650 mm); focinho curto; dente superior pequeno
Pseudalopex
- 5 — Cauda revestida de anéis; 40 dentes *PROCYONIDAE* 13
Cauda unicolor; 36 dentes *MUSTELIDAE* 14
- 13 — Focinho muito alongado; membros curtos; dedos recobertos de pêlos . . . **Nasua**
Focinho curto; membros regulares; dedos nús **Procyon**
- 14 — Dedos munidos de membranas natatórias; orelhas muito reduzidas *LUTRINAE* 15
Sem membranas natatórias; orelhas bem desenvolvidas 16.
- 16 — Unhas das patas anteriores muito grandes, próprias para escavar; pêlos da cauda muito compridos *MELINAE.*
(único gên. **Conepatus**)
Unhas das patas anteriores curtas; pêlos da cauda curtos . *MUSTELINAE* 17
- 15 — Maiores (cabeça e corpo 1200 mm); cauda achatada **Pteronura**
Menores (cabeça e corpo 680 mm); cauda cilíndrica **Lutra**
- 17 — Cauda comprida; orelhas de tamanho regular **Tayra**
Cauda curta; orelhas muito reduzidas **Grison**

Ordem: CARNIVORA

Subordem: FISSIPEDIA

Família FELIDAE

Subfamília PANTHERINAE

Gênero PANTHERA Oken

Panthera Oken, 1816, Lehrbuch der Naturgeschichte, Th. 3, Abth. 2, pg. 1052.

Genótipo, por designação de Allen, 1902 *Panthera vulgaris* Oken = *Felis pardus* Linnaeus = *Felis panthera* Pallas.

Crânio muito grande e robusto, porém com caixa cerebral relativamente pequena, com cristas sagitais e occipitais muito salientes nos indivíduos adultos.

Fórmula dentária como a de todos os gêneros desta família:

$$i \frac{3}{3} \quad c \frac{1}{1} \quad p \frac{3}{2} \quad m \frac{1}{1} = 30$$

***Panthera onca paulensis* (Nelson & Goldman)**

Felis onca paulensis Nelson & Goldman, 1933, Revision of the Jaguars; Journal of Mammalogy, vol. 14, pg. 222 ("São Paulo region, southeastern Brasil, exact locality undetermined").

Felis onssa H. Ihering, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 24; idem, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional; Rev. Museu Paulista, vol. VIII, pg. 169 (em parte)

Panthera onca palustris Pocock, 1939, Novit. Zoologicae, vol. XLI, pg. 416 (em parte).

LOCALIDADE TIPO: Baurú, Estado de São Paulo. (1)

NOMES VULGARES: Onça, Onça pintada, Jaguaretê.

E' êste um dos maiores félicas do mundo, pois teem sido encontrados machos adultos que mediram 1 metro e 70 centímetros de comprimento do focinho à raiz da cauda que chega a atingir 80 centímetros. (2)

(1) Para localidade tipo desta raça designamos Baurú, no oeste do Estado de São Paulo, de cuja localidade possuímos um exemplar completo.

(2) Cabrera & Yepes, 1940, Mamíferos Sud-Americanos, pg. 173.

Como a onça parda, é de larga distribuição por tôdas as Américas, daí resultando naturalmente variações de colorido e tamanho conforme a latitude.

Isso deu lugar a que, modernamente, sejam consideradas uma dezena de raças geográficas distinguíveis entre si por diferenças cranianas e de coloração.

Quaisquer que sejam entretanto essas variações, os caracteres essenciais da espécie, são: pelagem do pescoço e da nuca arrepiada como no gênero *Leopardus*; côr das partes superiores amarelo arruivada que se torna cada vez mais clara para as partes inferiores, chegando ao branco puro no peito e no ventre. Nos flancos, cinco fileiras de anéis negros, cujos centros são de côr fulva, tendo no meio pequena mancha também negra e arredondada. Peito e ventre revestidos de manchas negras mais ou menos circulares. Lábios pretos; cabeça e pescoço com manchas negras que se prolongam pelo dorso. Orelhas escuras do lado externo, com mancha central esbranquiçada; brancas do lado interno. Cauda com anéis negros e extremidade da mesma côr.

Não há diferença de colorido entre os sexos, não sendo raros os exemplares melânicos, escuros ou inteiramente pretos, nos quais entretanto, distinguem-se perfeitamente os anéis e as malhas.

Muito mais raros são os exemplares albinos, dos quais um é referido por AZARA ter sido morto no Paraguai em princípios do século passado. (1)

Como ocorrentes no Brasil, foram descritas seis raças geográficas:

Panthera onca onca (Linnaeus), localidade tipo Pernambuco (designada por THOMAS, 1911).

Panthera onca madeirae (Nelson & Goldman), localidade tipo, Igarapé Auará, rio Madeira.

Panthera onca mexiana (Hagmann), localidade tipo, ilha Mexiana, foz do Amazonas.

Panthera onca milleri (Nelson & Goldman), localidade tipo, Descalvados, Mato Grosso.

Panthera onca palustris (Ameghino), localidade tipo, Lujan, República Argentina.

Panthera onca paulensis (Nelson & Goldman), localidade tipo, Estado de São Paulo.

Destas, POCKOCK (2) reconhece apenas duas no Brasil: a típica

(1) AZARA, 1802, Apuntamientos para la Historia Natural de los Quadrupedes del Paraguay y Rio de la Plata, tomo I, pg. 101.

(2) The Races of Jaguar (*Panthera onca*), Novitates Zoológicae, vol. XLI, 1939.

P. onca onca (L) do Norte e Nordeste, da qual considera sinônimas as supostas raças amazônicas e *P. onca palustris* (Ameghino) do Chaco, Paraguai, Mato Grosso e Goiás, da qual considera sinônimas a espécie *paraguensis* de HOLLISTER, e mais *P. onca milleri* e *P. onca paulensis* de NELSON e GOLDMAN.

Esta última raça entretanto, baseada em três crânios provenientes do Estado de São Paulo, parece-nos válida, como se verá, confrontando-se as medidas cranianas das onças caçadas neste Estado e existentes no Departamento de Zoologia, com as onças de Mato Grosso e Goiás.

CRÂNIOS DE GOIAZ E MATO-GROSSO

N.º	Comptº total	Comptº condº basal	Largª bizigomática	Largª inter-orbital	Largª caixa craniª	Comptº palatila	Série mol. sup.	Largª rostral
2332 ♂ - M. Grosso	296	262	192	58	80	120	57	80
2333 ♂ - „ „	279	245	183	58	76,5	110	60	73
3420 ♂ - Goiás	283	244	192	53	84	112	55	75
3752 ♂ - „	285	255	185	51	76	115	55	77

CRÂNIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO

N.º	Comptº total	Comptº condº basal	Largª bizigomática	Largª inter-orbital	Largª caixa craniª	Comptº rostral	Largª palatila	Série sup. mol.
469, ♂	250	225	165	46	73	113	70	56
2330, ♂	232	210	160	40	69	95	65	50
2551, ♂	243	220	166	48	70	110	72	59
3328, ♂	232	208	152	38	70	91	61	51
3329, ♂	242	221	150	40	73	110	69	55
3330, ♂	257	230	175	50	72	104	70	55
3331, ♂	245	210	165	48	77	95	67	54

A única pele existente no Departamento de Zoologia dum exemplar ♂ adulto proveniente de Baurú, Estado de São Paulo, é de fundo notavelmente fulvo no que difere das peles de Mato Grosso que são de fundo predominantemente branco.

E' bem menor que estas, mas, estando em máu estado de conservação, nenhum valor podem ter suas medidas.

EXEMPLARES DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA:

N.º	469	♂	—	Baurú,	São Paulo,	Garbe col. —	(pele aberta e crânio)
„	2330	♂	—	Ribeirão Preto,	São Paulo,	oferta, 1906	(crânio).
„	2551	♂	—	Santos,	São Paulo,	coleção antiga	„
„	3328	♂	—	Estado de São Paulo	„	„	„
„	3229	♂	—	„	„	„	„
„	3330	♂	—	„	„	„	„
„	3331	♂	—	„	„	„	„

Subfamília *FELINAE*Gênero *LEOPARDUS* Gray

Leopardus Gray, 1842, Ann. Mag. Nat. Hist., vol. X, p. 260.

Tipo por subsequente designação de Pocock, 1906, *Felis Pardalis* Linnaeus.

Crânio muito menor e mais fraco que o do precedente gênero; processo postorbital comprido; caixa cerebral mais ampla; crista sagital presente ou faltando nalgumas espécies.

Leopardus pardalis brasiliensis (Oken)

Lynx brasiliensis Oken, 1816, Lehrbuch Naturg. Zool., 3, p. 1050 (baseado no “mbaracaya” e “chibiguazou” de Azara).

Felis pardalis Pelzeln, 1883, Brasilische Säugethiere, p. 50 (Mato-Dentro e Caiçara, Mato-Grosso); Goeldi, 1893, Os Mamíferos do Brasil, p. 65; H. Ihering, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, p. 25; M. Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas, anexo 5, Zoologia (Afonso, Mato-Grosso).

Felis pardalis chibiguazou H. Ihering, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional, p. 177 (Ubatuba, Castro e São Lourenço).

Leopardus pardalis brasiliensis Pocock, 1941, The races of the Ocelot and the Margay; Field Museum of Natural History, Zoological Series, vol. 27, pg. 322.

LOCALIDADE TIPO: Santo Inácio, Paraguai.

NOMES VULGARES: “Jagatirica” (Brasil Meridional), “Maracajá” (Bahia ao Amazonas).

Esta espécie tem vasta distribuição por toda a América, ocorrendo do Texas ao Norte da Argentina e é sujeita a freqüentes variações individuais, o que deu lugar à criação dum sem número de raças e até mesmo de espécies novas.

Pocock, em recente trabalho (1) reconheceu como válidas uma dezena de raças, das quais somente uma, *Leopardus pardalis brasiliensis* (Oken) ocorre no Brasil.

Esta raça difere de *Leopardus pardalis pardalis* (Linnaeus) cuja localidade tipo é Vera Cruz no México, em ser de coloração geral muito menos viva, além de apresentar ligeiras diferenças cranianas.

Nos 25 exemplares existentes em nossas coleções e provenientes de Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Goiaz. Bahia e Pará, pode-se perfeitamente avaliar a variação do colorido fundamental que ora se apresenta pardo-acinzentado, ora francamente ocráceo. Também as manchas pretas do dorso variam muito, ora são estreitas e alongadas, ora arredondadas. Em geral, os exemplares mais novos são de colorido mais escuro, com manchas escuras e regulares e o pêlo bastante arrepiado.

Esta raça é bem comum em tôdas as regiões do Estado de São Paulo em que ainda existam grandes matas, assim como por todo o Brasil.

DIMENSÕES CRANIANAS

N.º	Compr. total	Compr. condilo basal	Largura bizigomática	Compr. palatilar	Largura caixa craniana	Compr. mandibular	Série mol. sup.
2914 ♂ São Paulo . . .	145	131	98	53	50	95	52
3069 ♂ Minas	141	134	95	54	50	95	32
440 ♂ Sta. Catarina . .	140	126	90	54	45	91	32
5533 ♂ Amazonas . . .	141	130	95	54	48	93	31

EXEMPLARES DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA:

- N.º 440 — Colônia Hansa, Santa Catarina, Ehrhardt, col., 1901 (pele aberta)
 „ 1167 — ♂ — Itararé, São Paulo, Garbe, col., 1903 (pele aberta)
 „ 1936-1937 — ♀ ♀ — Itapura, São Paulo, Garbe, col., 1904 (peles abertas)
 „ 1805 — ♀ — Ubatuba, São Paulo, Garbe, col., 1905 (pele aberta)
 „ 2913-2914 — ♂ ♂ — Franca, São Paulo, Garbe, col., 1910 (peles abertas)
 „ 2839 — ♀ — Avanhandava, São Paulo, Garbe, col., 1910 (pele aberta)
 „ 2963-2964-2968 — ♀ ♀ — Ituverava, São Paulo, Garbe, 1911 (peles abertas)

(1) Field Museum of Natural History, Zoological Series, 1941, vol. 27, pg. 347.

- „ 2432-6277, Estado de São Paulo, ofertas, 1906 e 1941 (peles abertas)
- „ 3069 — ♂ — 3070-3071-3113 — Pirapora, Minas Gerais, Garbe, col., 1912
- „ 4238 — ♀ — 4239 — ♂ — Cana Brava, Goiaz, Blaser, 1932 (peles abertas)
- „ 2733 — ♂ — Teófilo Otoni, Minas Gerais, Garbe, col., 1908 (pele aberta)
- „ 2638-2639-2641-2643, Vila Nova, Bahia, Garbe, col., 1907 (peles abertas)
- „ 5553 — ♂ — Lago Cuitena, Pará, Olalla, col., 1935 (pele aberta)

Leopardus wiedii wiedii (Schinz)

- Felis wiedii* Schinz, Das Thierreich, 1, pg. 235 (rio Mucurí, Bahia); H. Ihering, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional; Revista do Museu Paulista, vol. VIII, pg. 182 (Espírito Santo, Baurú, Itararé, São Lourenço).
- Felis macroura* Wied, 1826, Beitrage Nat. Brasil., 2, p. 371 (Espírito Santo); Pelzeln, 1883, Brasilische Säugethiere, p. 50 (Ipanema e Barcelos).
- Margay tigrina wiedii* J. Allen, 1919, Notes on small Spotted Cates of Tropical America; Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., vol. XLI, p. 356.
- Leopardus wiedii wiedii* Pocock, 1941, The Races of Ocelot and Margay; Field Mus., Zool. Series, vol. 27, p. 583 (Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná). (1)

LOCALIDADE TIPO: Espírito Santo (designada por ALLEN). (2)

NOMES VULGARES: “Gato do Mato” (São Paulo), “Maracajá mirim” (Norte).

Gato relativamente grande, de comprida cauda e pêlos da nuca arrepiados, assemelhando-se bastante à jaguatirica.

O crânio é desprovido de crista sagital, mesmo nos machos velhos.

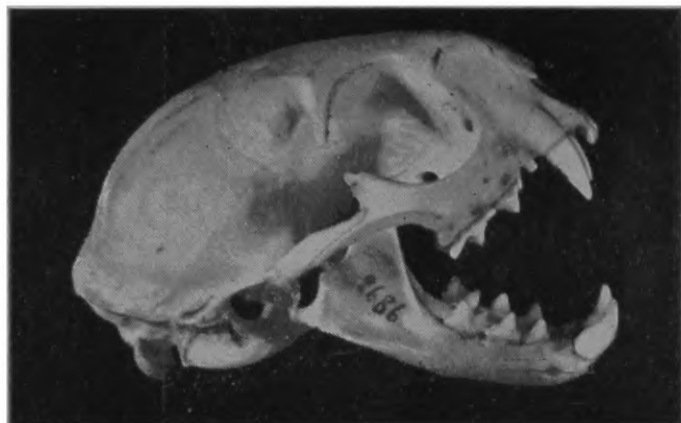
Freqüentemente é confundido com aqueles animais imaturos, mas distingue-se logo pela consistência do pêlo e coloração geral. Com efeito, a jaguatirica jovem tem colorido fundamental cinzento-amarelado com manchas negras irregulares e desbotadas; o pêlo apresenta-se arrepiado, só tomando a consistência normal quando adulta.

(1) SCHINZ em seu “Thierreich” denominou *Felis wiedii* ao gato de longa cauda colecionado por WIED na Bahia e cuja descrição completa foi-lhe fornecida por este naturalista que, por sua vez, no tomo II de seu “Reisen von Brasilien”, chamou-o *Felis macroura*.

(2) J. A. ALLEN (Bull. Am. Mus. Nat. Hist., 1916, vol. 35, pg. 580) erigiu em gênero o subgênero *Margay* (subgênero de *Felis*, Gray, 1867, Proceed. Zool. Soc. of London, pg. 271), selecionando *Felis wiedii* como tipo. R. I. Pocock (The races of Ocelot and Margay; Field Museum Nat. History, Zool. series, 1941, vol. 27, pg. 321) acha porém que as semelhanças entre a jaguatirica e este grande gato são tais que as diferenças cranianas apontadas por aquele autor são insuficientes para a criação dum novo gênero, preferindo reuni-los no único gênero *Leopardus*. Pelo exame do vultuoso material de peles e crânios de nosso Departamento chegamos à mesma conclusão.



Leopardus pardalis brasiliensis (Oken) ♂, n.º 2914 e ♀, n.º 2968.
($\frac{1}{2}$ do tamanho natural)



Leopardus wiedii wiedii (Schinz) ♂ n.º 2686 e ♀ n.º 2969
(½ do tamanho natural)

Outra boa distinção é o comprimento da cauda que, nestes gatos, quando dobrada sôbre as costas, atinge a região cervical, ao passo que nas jaguatiricas, mal chega à metade do corpo.

Raramente encontra-se dois exemplares com o colorido básico do dorso inteiramente semelhante. Em nossas coleções ao lado de peles de fundo amarelado, encontramos outras francamente ocráceas.

Do mesmo modo varia o desenho das manchas pretas distribuídas por todo o corpo, apresentando-se ora muito nítidas e arredondadas, ora mais alongadas e apagadas.

O melanismo, tão comum em *Oncilla pardinoides*, parece ser mais raro nesta espécie, pois a nossa coleção possui apenas um exemplar inteiramente preto procedente de Iporanga, neste Estado.

Além desta raça típica, mais duas são atualmente reconhecidas no Brasil:

Leopardus wiedii vigens THOMAS (1) e *Leopardus wiedii par-dictis* Pocock (2).

A primeira é raça amazônica, tendo como localidade tipo Igarapé Assu, no Estado do Pará.

Caracteriza-se em ser pouco maior que *L. wiedii wiedii* e ter pêlo mais curto.

A segunda raça é própria do nordeste brasileiro, tendo como localidade típica São Lourenço, Pernambuco e distingue-se das demais pelo pequeno tamanho e colorido fundamental muito claro.

DIMENSÕES CRANIANAS

N.º	Compr. total	Compr. condilo basal	Largura bizigomática	Compr. palatilar	Largura caixa craniana	Compr. mandibular	Série mol. sup.
6549 ♂ São Paulo	91	86	58	32	39	56	20
2480 ♂ São Paulo	95	90	66	33	41	60	23
2645 ♂ Bahia	94	89	66	33	44	59	22
5562 ♂ Cameté	100	94	68	35	45	63	23

(1) Ann. Mag. Nat. Hist., vol. 14, p. 192.

(2) Field Museum of Natural History, Zool. Series, 1941, vol. 27, p. 387.

EXEMPLARES DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA:

- N.º 40 — São Lourenço, Rio Grande do Sul, comprado de Enslén, 1895.
 „ 437, 438, 439, 1677 e 2901 ♂ ♂ — Colônia Hansa, Santa Catarina, Ehrhardt, col., 1905, 1910.
 „ 1169 — ♂ — Itararé, São Paulo, Garbe, col., 1903.
 „ 2686 — Franca, São Paulo, Dreher, col., 1908.
 „ 2969 — ♀ — 2970 — ♂ — Ituverava, São Paulo, Dreher, col., 1911.
 „ 3724 — Itatiba, São Paulo, Lima, col., 1926.
 „ 3811 — Valparaíso, São Paulo, Lima, col., 1931.
 „ 6242 — ♀ — Lins, São Paulo, Olalla, col., 1942.
 „ 6549 — Iporanga, São Paulo, Lima, col., 1944.
 „ 2241, 2242 — ♀ ♀ — Vila Colatina, Espírito Santo, Garbe, col., 1906.
 „ 3503 — ♂ — Itabuna, Bahia, Garbe, col., 1919.
 „ 2643, 2645 — ♂ ♂ — Vila Nova, Bahia, Garbe, col., 1908.

Gênero **HERPAILURUS** Severtzow

Herpailurus Severtzow, 1858, Rev. Mag. Zool., 10, p. 385.

TIPO, por monotipia, *Felis jaguarondi*.

Crânio semelhante ao das pequenas espécies do gênero anterior, porém com a caixa cerebral pouco mais alongada e com ligeira crista sagital posterior. (1)

Herpailurus jaguarondi jaguarondi (Lacépède)

Felis jaguarondi Lacépède, 1808, "Voyage dans l'Amérique Meridionale" de Azara, pl. X.
Felis jaguarundi e *eyra* Wied, 1826, Beitrage Nat. Brasil., II, pg. 379 e 381; H. Ihering, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional, Rev. Mus. Paul., vol. VIII, pg. 163 e 166.
Felis jaguarondi Pelzeln, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 49 (Ipanema).
Herpailurus jaguarondi jaguarondi J. A. Allen, 1919, Notes on Spotted Cates of Tropical America; Bull. Am. Mus. Nat. Hist., vol. XLI, pg. 383.

LOCALIDADE TIPO: Paraguai.

NOMES VULGARES: "Gato mourisco", (São Paulo), Jaguarundi, "Eira".

(1) H. IHERING em sua monografia distinguiu nos crânios por êle examinados, uma "profunda covinha na parte anterior dos ossos frontais, logo atrás dos ossos nasais" a que chamou "fossa prefrontal", afirmando ser a presença desse pequeno sulco a principal diferença entre esta espécie e os outros membros do gênero *Felis* do Brasil.

Essa distinção parece-nos muito precária pois em quase todos os crânios de pequenos felídeos brasileiros inclusive nos de jovens *L. pardalis*, nota-se a presença desse sulco situado mais ou menos na mesma região apontada por IHERING. A melhor diferenciação é a própria forma do crânio que, nesta espécie é mais alongada do que os dos outros pequenos gatos pintados.

Este gato unicolor apresenta duas curiosas fases de colorido: uma, ruivo-amarelada; outra, muito mais comum, cinza-amarelada, por vêzes muito escura.

Durante muito tempo esse fato foi ignorado e todos os autores que trataram dos fêlidas neotrópicos, baseados em AZARA, distinguiram duas espécies: *Felis yaguarondi* para a fase cinzenta e *Felis eyra* para a fase avermelhada.

WINGE (1) em 1895, observou que exemplares caçados na mesma localidade, apresentavam-se com essas duas cores mais ou menos definidas e concluiu tratar-se de uma única espécie em diferentes fases de colorido.

HERMANN VON IHERING, em 1911, em sua monografia (2) ainda considerou duas espécies diferentes de gatos unicolores ocorrendo no Brasil, atribuindo mesmo à *Felis eira* uma área de dispersão diversa da de *Felis yaguarondi*.

Em 1916, J. A. ALLEN (3) obteve numa mesma localidade da Colômbia duas peles de colorido diverso, chegando à mesma conclusão.

Hoje, a reunião dessas duas espécies numa única é geralmente admitida.

Na fase avermelhada, possui o Departamento de Zoologia apenas um exemplar do Estado de São Paulo, proveniente do município de Lins. Apresenta-se com pêlos de cor canelina mesclada de amarelado, muito escuros na parte superior do dorso.

Na fase escura, existem três bons exemplares, sendo o de n.º 3.800 de Valparaíso o que mais se aproxima da raça amazônica.

Atualmente, são reconhecidas cinco raças distintas distribuídas pela América do Sul e América Central até o México, ocorrendo no Brasil, além da raça típica, mais *F. yaguarondi unicolor* (Trail), própria da Amazonia. Esta, de que possuímos dois bons exemplares de Cametá, Estado do Pará, distingue-se, segundo ALLEN, por ser a menor forma do grupo.

Entretanto, as medidas dos crânios destes exemplares amazônicos em nada são inferiores às medidas dos crânios de exemplares do Brasil Meridional como demonstra a seguinte tabela:

(1) E. Museo Lunds, t. II, p. 10, pl. I, figs. 5 e 6.

(2) Rev. Museu Paulista, tomo VIII, pg. 166.

(3) Bull. Amer. Mus. Nat. History, vol. XXXV, pg. 224.

DIMENSÕES CRANIANAS

N.º	Compr. total crânio	Largura bizigomática	Largura caixa craniana	Largura inter-orbital	Série mol. sup.	Compr. mandibular	Compr. palatilar
5175 ♀ Cametá	103	65	42	18	24	64	37
5176 ♀ Cametá	105	67	42	18	24	66	38
2978 ♂ Ituverava	103	66	42	17	23	64	38
2916 — Franca	94	57	39	17	22	56	34
3800 ♀ Valparaíso	90	56	38	16	22	55	32
1647 ♀ S. Lourenço	98	57	42	16	23	57	36

O colorido porém difere bastante sendo muito mais escuro, principalmente na linha média do dorso.

Na fase avermelhada possui o Departamento de Zoologia apenas um exemplar do Estado de São Paulo proveniente do município de Lins. Apresenta-se com pêlos de cor canelina mesclada de amarelado muito escura na parte superior do dorso.

Na fase escura existem três bons exemplares, sendo que o de n.º 3.800 de Valparaíso, São Paulo, é o que mais se aproxima da raça amazônica.

EXEMPLARES DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA:

- 2977 ♀ e 2978 ♂, Ituverava, São Paulo, Garbe col., 1901 (peles abertas)
 3800 ♀, Valparaíso, Noroeste, São Paulo, H. Serapião, col., 1931 (pele aberta)
 6278 e 6279, Araçatuba, São Paulo, Olalla, col., 1943 (peles abertas)
 3195 e 3196, Santa Catarina, Lüderwaldt, col., 1911 (peles abertas)
 37 ♀, São Lourenço, Rio Grande do Sul, Enslin, col., 1896 (pele aberta)
 1272 ♀ e 3027, Estado de Goiás, Dreher e Garbe, col., 1904 e 1912 (peles abertas)
 2647 ♂ e 3139, Estado da Bahia, Garbe, col., 1908 e 1912 (peles abertas)

Gênero *ONCILLA* Allen

Oncilla J. A. Allen, 1919, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., vol. XLI, p. 358.

TIPO, por designação original, *Felis pardinoides oncilla* THOMAS.

Oncilla pardinoides pardinoides (Gray)

Felis pardinoides Gray, 1867, Proc. Zool. Soc. London, p. 400.

Felis tigrina Pelzeln, 1883, Brasilische Säugethiere, p. 51 (Ipanema, Rio de Janeiro);

H. Ihering, 1911, Rev. Mus. Paul., t. VIII, p. 186 (Itararé, Ubatuba, Alto da Serra).
Oncilla pardinoides pardinoides J. A. Allen, 1919, Bull. Am. Mus. Nat. History, vol. XLI, p. 358.

LOCALIDADE TIPO: "India" (= América do Sul) (1).

NOME VULGAR: "Gato do mato".

Bem menor que o precedente, tendo mais ou menos o tamanho dum gato doméstico.

Além do tamanho, as principais diferenças consistem nas malhas, que são muito menores e arredondadas, e na cauda, que é muito mais curta, atingindo apenas, quando dobrada, a metade do corpo. Também os pêlos são mais ásperos e, na nuca, não são arrepiados.

A côr fundamental sôbre a qual se desenham as malhas e estrias pretas, é em regra, cinzento-amarelada nas partes superiores e esbranquiçadas nas inferiores.

Como na espécie precedente, êsse colorido está sujeito a variações individuais, apresentando-se freqüentemente muito escuro ou inteiramente negro, como os exemplares n.ºs 2.320, 2.321, 2.740, 6.457 e 6.262, todos provenientes do Estado de São Paulo.

O crânio também assemelha-se ao da espécie precedente não tendo crista sagital, mas é bem menor, muito mais delicado e com a arcada zigomática muito mais estreita.

Esta raça é peculiar ao Brasil Central e Meridional e conforme ALLEN (2) estende-se do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul.

DIMENSÕES CRANIANAS

N.º	Compr. total	Compr. condilo basal	Largura bizigomática	Compr. palatilar	Largura caixa craniana	Compr. mandibular	Série mol. sup.
396 ♂ São Paulo	89	85	58	32	39	55	21
2810 ♂ Macaé	88	80	55	31	36	54	20
3799 ♀ Valparaiso	82	75	53	30	38	51	19
6459 ♀ Santo Amaro . . .	80	71	51	27	35	48	19

(1) GRAY em 1874 (Ann. Mag. Nat. Hist., XIII, p. 51), retificou essa procedência, suspeitando tratar-se de espécie sul-americana.

(2) Bull. Am. Mus. Nat. Hist., vol. XLI, p. 358.

EXEMPLARES DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA:

- N.º 396 — ♂ — Cantareira, São Paulo, 1900.
 „ 810 — ♀ — São Paulo (Franca), Dreher, col., 1902.
 „ 878 — ♂ — Ubatuba, São Paulo, Garbe, col., 1905.
 „ 2320 — ♂ — e 2321 — ♀ — Rio Grande, S. Paulo, 1906 (exempl. melânicos)
 „ 2740 — Iguape, São Paulo, R. Krone, col., 1898 (exempl. melânico).
 „ 3799 — Valparaíso, São Paulo, Serapião, col., 1931.
 „ 6212 — ♀ — Lins, São Paulo, Olalla, col., 1941.
 „ 6456 — 6457 — Ponte Alta, São Paulo, oferta do Inst. Butantã, 1944.
 „ 6459 — Santo Amaro, São Paulo, oferta do Inst. Butantã, 1944.
 „ 2810 — ♂ — Serra de Macaé, Rio de Janeiro, Garbe, col., 1909.

Gênero **PUMA** Jardine

Puma Jardine, 1834, Jardine's Nat. Library, Mammal., II, pg. 266.

GENÓTIPO: *Felis concolor* Linnaeus.

Crânio muito menor que o de *Panthera* e com a fronte muito menos elevada; ossos nasais mais estreitos.

Puma concolor concolor (Linnaeus)

Felis concolor Linnaeus, 1771, Mantissa, pg. 522; Pelzeln, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 48 (Caiçara, Jaurú, Forte Rio Branco, Mato Grosso); H. Ihering, 1893, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 23; idem, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 25; idem, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional, Rev. Museu Paulista, vol. VIII, pg. 159.

Felis concolor concolor Nelson & Goldman, 1929, Journal of Mammalogy, n.º 10, pg. 345.

LOCALIDADE TIPO: “*Brasilia*”. (1)

NOMES VULGARES: “Onça parda”, “Suaçuarana”.

Bem menor que a onça pintada pois atinge apenas 1 metro e 20 centímetros do focinho à raiz da cauda que mede de 60 a 65 centímetros.

Colorido geral baio amarelado, mais escuro no meio do dorso; amarelo claro nos flancos e na barriga; branco na garganta e no peito.

(1) MERRIAM, “Preliminary Revision of the Pumas”, Proceed, Washington Acad. Sciences, 1901, vol. 3, pg. 577, fixou como localidade tipo de *Felis concolor* Linnaeus, o sudeste do Brasil, usando como base de comparação um crânio procedente de Piracicaba, “not far from São Paulo”.

NELSON & GOLDMAN, “List of the Pumas”, 1929, Journal of Mammalogy, vol. 10, pg. 345, consideraram Piracicaba como localidade tipo desta raça: “The vicinity of the city of São Paulo, is designated by us as the type region, specimens from Piracicaba being considered as typical”.

Orelhas pardo escuras externamente e quase brancas internamente; extremidades pretas; beicho superior munido de compridas cerdas brancas; cauda do mesmo colorido do dorso e com a extremidade quase preta.

Os filhotes são de colorido geral baio claro, revestidos de manchas pretas e anéis escuros na cauda.

Exemplares inteiramente melânicos são raros, sendo mais frequentes os que apresentam um notável escurecimento dos pêlos do dorso. Casos de albinismo são ainda mais raros.

De todos os carnívoros americanos é este o de mais larga distribuição geográfica, sendo encontrado desde o Canadá até a Patagônia, e das costas do Atlântico às do Pacífico.

Vivendo em variadas latitudes e estando assim sujeita a climas e condições de meio muito diferentes, é natural que apresente numerosas variações locais as quais tem sido aproveitadas pelos mastozoólogos para a criação de novas raças, das quais são reconhecidas atualmente cerca de vinte. (1)

Dessas raças, são constatadas no Brasil apenas três:

Puma concolor concolor (Linnaeus) cuja localidade tipo foi restrita por NELSON & GOLDMAN para "vizinhanças de São Paulo", forma típica do Brasil Meridional e Central; *Puma concolor greeni* (Nelson & Goldman), Nordeste do Brasil e *Puma concolor borben-sis* (Nelson & Goldman), Amazonas.

DIMENSÕES CRANIANAS

N.º	Compr. total	Compr. cõndilo basal	Largura bizigo-mática	Largura inter-orbital	Largura caixa craniana	Compr. palatilar	Largura ros-tral	Série mol. sup.
374 ♂ E. S. Paulo	177	155	120	30	68	69	46,5	42
3335 ♂ ..	183	161	118	31	65	70	47	42
3333 ♂ ..	198	164	137	38	67	79	57	45
1637 ♀ ..	168	155	108	30	65	66	42	41
3801 ♂ ..	203	182	136	37	65	82	56	46

(1) NELSON & GOLLMAN, 1929, "List of the Pumas", Journal of Mammalogy, vol. 10, pg. 345.

EXEMPLARES DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA:

- N.º 3801 — ♂ — Valparaíso, São Paulo, Serapião, col., I-1932 (pele aberta e crânio).
 ,, 1287 — Avanhandava, São Paulo, Garbe, col., 1904 (pele aberta e crânio).
 ,, 374 e 1637 ♀♀, 3333 ♂, Estado de São Paulo, coleção antiga (crânios).
 ,, 3334, 3335, 3336 — Araguaia, Goiás, coleção antiga (crânios).

Família **CANIDAE**Gênero **CHRYSOCYON** H. Smith

Chrysocyon (subgênero de *Chaon*) H. Smith, 1835, Jardine's Nat. Library, Mammal., IX, pg. 241. (1)

GENÓTIPO, por monotipia, *Canis jubatus* Desmarest (= *Canis brachyurus* Illiger).

Crânio muito alongado, com crista sagital bem saliente em ambos os sexos; ossos frontais largos, sendo a largura tomada entre os processos postorbitais igual à maior largura da caixa craniana.

A fórmula dentária, como a de todos os demais gêneros desta família, com a exceção de *Icticyon* é a seguinte:

$$i \frac{3}{3} \quad c \frac{1}{1} \quad p \frac{4}{4} \quad m \frac{2}{3} = 42$$

Chrysocyon brachyurus (Illiger)

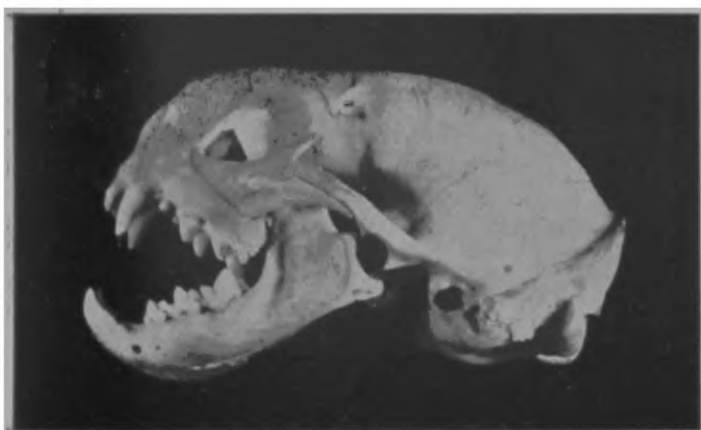
Canis brachyurus Illiger, 1811, Abhandl. K. Akad. Wiss. Berlin, p. 109.

Canis jubatus Desmarest, 1820, Mammal., p. 198; Burmeister, 1854, Thiere Brasiliens, p. 94; H. Ihering, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, pg. 26.

Chrysocyon jubatus Pelzeln, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 55 (Itararé, São Paulo); Goeldi, Os Mamíferos do Brasil, pg. 68; M. Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas, Anexo 5, Zoologia, pg. 29 (Florião, Mato Grosso).

(1) Os subgêneros sul-americanos do primitivo *Canis* de LINNAEUS que heterogeneamente englobava quase todos os membros desta família foram erigidos por OLDFIELD THOMAS (Annals and Magazine of Natural History, série 8, vol. 13, 1914, pg. 532) em 5 gêneros, a saber: *Chrysocyon*, *Dusicyon*, *Cerdocyon*, *Pseudalopex* e *Lycalopex*.

Recentemente, CABRERA (Notas del Museu de La Plata, 1940, Zoologia, tomo V, pg. 14) criou o gênero *Atelocynus* para *Canis (Cerdocyon) microtis*, cão selvagem de pêlo curto e minúsculas orelhas peculiar ao Amazonas.



Herpailurus yaguarondi yaguarondi (Lacépè) ♂ n.º 2978 e ♀ n.º 2916
(½ do tamanho natural)



Oncilla pardinoïdes pardinoïdes (Gray) ♂ n.º 2971 ♀ n.º 3799

Canis (Crysocyon) jubatus Trouessart, 1904, Cat. Mammal., Supplementum, pg. 231; H. Ihering, 1911, Os Mamíferos do Brasil. Meridional, Rev. Mus. Paulista, tomo VIII, p. 203.

Chrysocyon brachyurus Cabrera & Yepes, 1940, Mamíferos Sud-americanos, pg. 131.

LOCALIDADE TIPO: Paraguai.

NOMES VULGARES: "Lobo", "Guará".

É a maior forma de cânida da América do Sul onde representa o lobo paleártico, distinguindo-se imediatamente de qualquer outro cão selvagem americano em ter as pernas excessivamente longas, grandes orelhas e compridos pêlos erectos na região lombar.

Colorido geral pardo avermelhado; focinho enegrecido, assim como os pêlos da nuca e dorso; pernas escuras; cauda parda com a extremidade branca.

É encontrado desde o norte da Argentina, através do Paraguai e de todo o Brasil Meridional e Central até Pernambuco.

Embora não seja comum em parte alguma, é bem conhecido no interior do Estado de São Paulo onde habita de preferência os campos e cerrados.

DIMENSÕES EXTERNAS E CRANIANAS

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Compr. total	Compr. palatilar	Largura bizigomática	Largura caixa craniana	Largura inter-orbital	Série max. sup.	Compr. mandibular
525	—	—	230	118	—	60	43	77	167
2479	—	—	230	111	134	58	50	77	170
3700	—	—	240	111	133	60	47	77	173
3025 ♀	1180	410	—	—	—	—	—	—	—
3067 ♂	1200	410	—	—	—	—	—	—	—
3089 ♂ j.	920	330	—	—	—	—	—	—	—
3090 ♀	890	320	—	—	—	—	—	—	—

EXEMPLARES DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA:

- N.º 525 — Estado de São Paulo, coleção antiga (crânio).
 „ 2479 — Estado do Paraná, coleção antiga (crânio).
 „ 3700 — Franca, Estado de São Paulo, coleção antiga (crânio).
 „ 3025 — ♀, Mogi-Guaçu, Estado de São Paulo (montado).
 „ 3667 — ♂, Mato-Grosso (montado).
 „ 3089 — ♂ e 3090, ♀, Batatais, São Paulo (peles).

Gênero LYCALOPEX Burmeister

Lycalopex Burmeister, 1854, Syst. Uebers-Thiere Brasiliens, vol. I, pg. 93.

Eunotocyon Allen, 1905, Princeton Univ. Exp. Patagonia, vol. 3, pt. I, pg. 152: genótipo

Canis sladeni Thomas (= *Canis vetulus* Lund).

GENÓTIPO. por designação de O. THOMAS (Ann. Mag. Nat. Hist., 1914, série 8, vol. 13, p. 352), *Canis vetulus* Lund.

Crânio pequeno, constituído de ossos relativamente fracos e com a parte facial muito curta; crista sagital saliente somente nos machos adultos.

Dente carniceiro superior muito pequeno em relação aos molares.

Lycalopex vetulus (Lund)

Canis velatus Lund, 1842, Forts. Bem. Bras. U. Dyrs., pg. 4; Burmeister, 1854, Thiere Brasiliensis, pg. 99.

Pseudalopex azarae Pelzeln, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 55 (Mato-Grosso e Goiaz).

Canis parvidens Mivart, 1890, Monography of the Canidae, pg. 76; Trouessart, 1904, Cat. Mammal., Suplem., pg. 235.

Canis (Eunothocyon) vetulus Ihering, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional, tomo VIII, pg. 206.

LOCALIDADE TIPO: Lagoa Santa, Minas Gerais.

NOMES VULGARES: "Jaguarapitanga", "Raposa do campo".

De todos os cânidas brasileiros, este é o menor e o que mais se assemelha à raposa européia.

Distingue-se de *Cerdocyon thous azarae* em ter o focinho muito mais curto, assim como a pelagem. Também o colorido é diverso, principalmente nas orelhas e pernas que são amarelo ferrugíneas.

Em ambos os sexos, o colorido geral é cinzento amarelado.

O macho adulto, tem nas partes superiores centrais do corpo, desde a nuca até a extremidade da cauda, uma faixa de pêlos negros. Na fêmea adulta essa faixa é muito menos evidente, pois os pêlos negros do dorso são muito mais escassos.

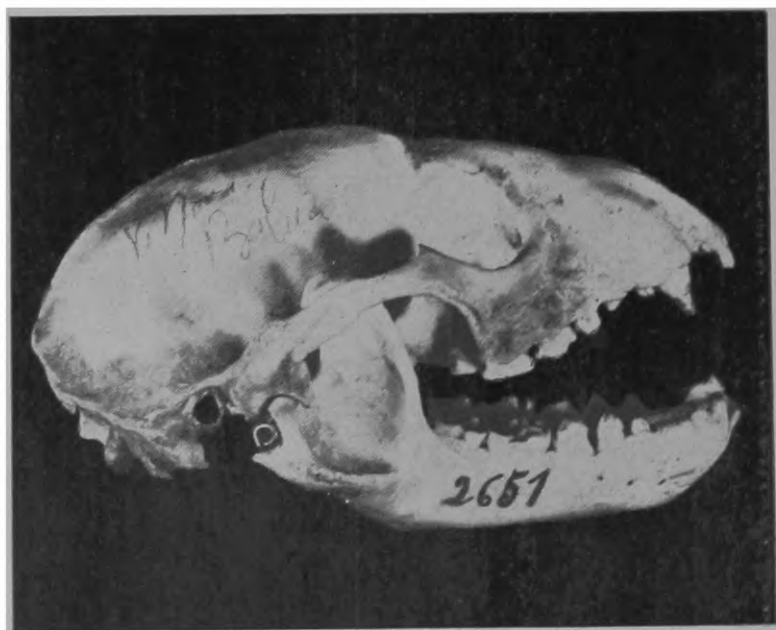
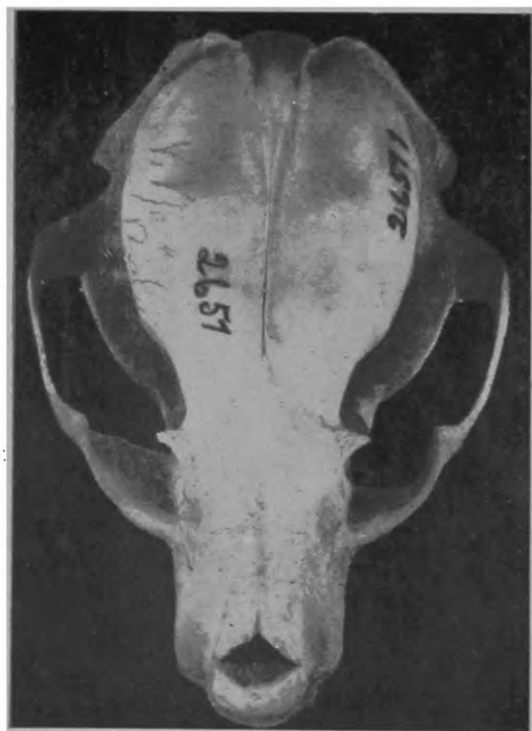
Esse colorido está porém sujeito a muitas variações, encontrando-se exemplares, como o de n.º 1012 procedente de Franca, que apresentam notável tendência para acentuado melanismo.

E' bem grande a sua área de dispersão, pois abrange grande parte do Brasil Central e Meridional, desde Goiaz, Minas Gerais e Mato Grosso até o Estado do Paraná.

E' bem comum no Estado de São Paulo onde habita de preferência os campos do oeste.



Cerdocyon thous azarae (Wied) ♂ n.º 3777 + ♀ n.º 464
($\frac{1}{2}$ do tamanho natural)



Ictycyon venaticus (Lund) ♂ n.º 2684
Procyon cancrivorus nigripes Mivart ♂ n.º 2651
(½ do tamanho natural)

DIMENSÕES CRANIANAS

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Compr. crânio	Largura bizigomática	Largura caixa craniana	Largura inter-orbital	Série max. sup.	Compr. mandibular	Compr. palatilar
3048 ♂ j.	680	350	110	66	41	20	37	81	50
3049 ♀	660	250	113	61	41	20	39	83	54
1012 ♂	680	350	118	68	42	20	39	86	59
1015 ♀	580	310	111	61	42	16	37	82	53
1018 ♀	620	—	117	65	42	20	38	85	52

EXEMPLARES DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA:

1012, 1014, 1016 e 1017, ♂ ♂ ; 1015 e 1018, ♀ ♀ . Franca, Estado de São Paulo; O. Dreher col., 1903 (peles abertas e crânios).

3048 ♂ juv. e 3049 ♀ , Pirapora, Minas Gerais, Garbe, col., 1912 (peles abertas).

4061, São João da Boa Vista, São Paulo, oferta, 1935 (pele aberta).

Gênero **CERDOCYON** H. Smith

Cerdocyon H. Smith, 1839, Jardine's Natur., Libr., vol. 9, p. 259.

Thous Gray, 1868, Proc. Zool., Soc. London, p. 514 (não de H. Smith).

Carcinocyon Allen, 1905, Princenton Univ. Exp. Patagonia, vol. 3, pt. 1, p. 153, tipo *Canis thous* Linneus.

Genótipo, Por designação de O. Thomas (Annals Mag. Nat. Hist., 1914, série 8, vol. 13, p. 532) *Canis brasiliensis* = *azarae* Wied.

Crânio robusto, com a parte facial curta porém relativamente mais alongada que a do gênero precedente; diminuta constrição postorbital; crista sagital pouco saliente nos machos adultos; mandíbula com bordo inferior direito e provido de processo subangular bem desenvolvido.

Cerdocyon thous azarae (Wied)

Canis azarae Wied, 1824, Abbild. Naturg. Brasil., texto (Bahia).

Canis brasiliensis Wied, 1824, Abbild. Naturg. Brasil., prancha 23 (não de Schinz). (1)

(1) H. IHERING em sua monografia sobre os mamíferos do Brasil Meridional considerou *Canis azarae* Wied (= *Cerdocyon thous azarae*) como sinônimo de *Canis brasiliensis* Schinz (= *Pseudalopex gynocercus* (Fischer)), o "guaraxaim" ou "graxaim", tão conhecido nos campos do Rio Grande do Sul e Argentina.

Nesse erro aliás, caíram muitos outros autores como PELZELN e GOELDI; o que é explicado pela confusão do próprio WIED que, na figura de seu Abbildungen zur Naturgeschichte Brasiliens, 1824, figurou *Canis azarae* sob a denominação de *brasiliensis*.

Canis brasiliensis de SCHINZ refere-se exclusivamente ao "guaraxaim" e não invalida *Canis azarae* de WIED.

- Cerdocyon guaraxa* H. Smith, 1839, Jardine's Natur. Librar., vol. 9, pg. 962, prancha 28
Pseudalopex azarae Pelzeln, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 55 (em parte, Ipanema).
Canis cancrivorus H. Ihering, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, pg. 26.
Thous cancrivorus Goeldi, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 69.
Canis thous melampus e guaraxa H. Ihering, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional, Rev. Museu Paulista, tomo VIII, pg. 219.

LOCALIDADE TIPO: Bahia.

NOME VULGAR: Cachorro do mato.

Colorido geral cinzento escuro.

Orelhas ovais, de tamanho regular, com pêlos pardos escuros na parte externa e na base, mesclados de pêlos curtos brancos; na parte interna, pêlos compridos e inteiramente brancos; mento denegrido, assim como a base do focinho.

O dorso, na parte mediana, é revestido de pêlos compridos inteiramente negros que formam uma longa faixa que vai da nuca à extremidade da cauda.

As partes laterais são revestidas de pêlos mais curtos com base pardacenta e pontas esbranquiçadas, o que dá um tom arruivado.

Garganta, peito e ventre até as partes genitais, de colorido pardacento muito claro.

Pernas, nas partes externas, cinza muito escuro que se torna negro nos pés; arruivadas nas partes internas.

Cauda de comprimento igual à quase metade do corpo, com pêlos compridos, mesclados de amarelo e negro; tôda negra na extremidade.

Êsses caractéres cromáticos, como os da precedente espécie, são muito variáveis, o que se pode observar mesmo em indivíduos caçados na mesma localidade.

Assim, oito exemplares de Franca, Estado de São Paulo, apresentam o colorido do dorso variando de tom muito escuro ao cinza arruivado; pernas e pés ruivo amarelados ou inteiramente denegridos.

O exemplar de n.º 6636, macho adulto, caçado na estrada entre São Paulo e Santos, é muito escuro, quase preto, não apresentando o característico colorido pardacento na base e parte externa das orelhas; cauda, pernas e pés totalmente pretos.

Já o de n.º 1935, também macho adulto de Itapura, rio Tietê, apresenta grandes semelhanças com os de Pirapóra, rio São Francisco, Minas Gerais, apresentando pernas e pés cinza arruivados.

Baseando-se nessas variações de coloração, H. IHERING em sua monografia (1) considerou duas subespécies novas no Brasil Central e Meridional: *Canis thous melampus* Wagner e *Canis thous guaraxa* H. Smith (= *C. thous azarae* Wied).

A primeira, de pernas e pés pretos, seria distribuída de Santa Catarina ao Rio de Janeiro, e a segunda, de pernas e pés ruivo amarelados, seria própria do Brasil Central.

Essas variações, como aliás o próprio autor reconheceu, são de valor muito relativo e, além disso não possuindo atualmente o Departamento de Zoologia material suficiente do litoral do Estado e do Brasil meridional para comparação, preferimos considerar a raça ocorrente em São Paulo como a mesma do norte e do Brasil central: *Cerdocyon thous azarae* (Wied).

No Estado de São Paulo, parece ser conhecida em tôdas as zonas em que ainda existam grandes matas, seja no litoral, seja no interior.

DIMENSÕES EXTERNAS E CRANIANAS

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Compr. palatilar	Compr. total	Largura bizigomática	Largura caixa craniana	Largura inter-orbital	Série mol. sup.	Compr. mandibular
1935 ♂	770	—	72	149	82	46,5	29	50	116
2919 ♀	710	320	67	147	81	46	29	51	112
3340 ♂	—	—	70	147	82	46	28	52	114
3762 ♀	760	350	71	152	82	45	29	50	114
3763 ♀	770	350	69	146	80	46	29	51	114

EXEMPLARES DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA:

- N.º 856, 2917 e 2918, ♂ ♂ ; 1013, 2919, ♀ ♀ ; 2920, 2921 e 2922, juv.; Franca, Estado de São Paulo, O. Dreher, col., 1903 (peles abertas).
 „ 1164, Itararé, Estado de São Paulo, Garbe, col., IX-1903 (pele aberta).
 „ 1935 ♂, Itapura, Estado de São Paulo, Garbe, col., IX-1904 (pele aberta).
 „ 3340 ♂, Olímpia, Estado de São Paulo, Garbe, col., 1916.
 „ 3762 e 3763 ♀ ♀, Icatú, Estado de São Paulo, Lima, col., 1928 (peles abertas).
 „ 3764 ♀, Vanuire, Estado de São Paulo, Lima, col., 1928 (pele aberta).
 „ 6574 ♂, Ibití, Estado do São Paulo, José Lima, col., IV-1945.
 „ 6636 ♂, Santos, Estado de São Paulo, H. Ferraiol, col., IV-1946 (pele cheia).
 „ 3031, 3040, 3044, 3045, ♂ ♂ ; 3101, 3102, 3103, ♀ ♀, Pirapóira, Minas Gerais, Garbe, col., IX-1912 (peles abertas).

(1) Rev. Mus. Paulista, vol. VIII, pg. 219.

- „ 4280, rio das Mortes, Mato Grosso, W. Garbe, col., 1937 (pele aberta).
 „ 4215, 4216, 4219, ♂ ♂; 4221, ♀, Cana Brava, Goiaz, J. Blaser, col., 1933.
 „ 6314 e 6315, ♂ ♂. Cuiabá, Mato, Grosso, A. Aggio, col., 1944 (peles cheias).

Gênero **ICTICYON** Lund

Icticyon Lund, 1843, Oversigt K. Danske Vidensk. Selsk. Afhandl., XI (1).

TIPO, por monotipia, *Cynogale venatica* Lund.

Compreende singulares formas de canídeos com pernas muito curtas; cabeça muito grande relativamente ao corpo; orelhas pequenas e cauda notavelmente curta que muito os aproxima dos mustelídeos.

Crânio muito mais curto que o de qualquer outro canídeo, assemelhando-se ao dos mustelídeos.

Crista sagital saliente, processos postorbitais pequenos. Dentição diferente das dos demais canídeos brasileiros, pois faltam dois molares:

$$i \frac{3}{3} \quad c \frac{1}{1} \quad p \frac{4}{4} \quad m \frac{1}{2} = 38$$

São conhecidas duas únicas espécies, uma centro-americana e outra peculiar à América do Sul.

Icticyon venaticus (Lund)

Cynogale venatica Lund, 1842, Blick Brasiliens. Dyreverden, vol. IV, pg. 67 (Lagoa Santa, Minas Gerais).

Icticyon venaticus Burmeister, 1854, Thiere Brasiliens, pg. 107; Gray, 1864, Cat. of Carnivora, pg. 183; Goeldi, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 70; Trouessart, 1904, Cat. Mammals., Supl., pg. 241; Cabrera & Yepes, 1940, Mamíferos de Sud America, pg. 132.

Speothos venaticus, H. Ihering, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional, Rev. Mus. Paulista, vol. VIII, pg. 221 (Santa Catarina); M. Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas, Anexo 5, Zoologia, pg. 28 (Piroculuina, Mato Grosso).

Speothos wingei H. Ihering, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional, Rev. Mus. Paulista, pg. 222.

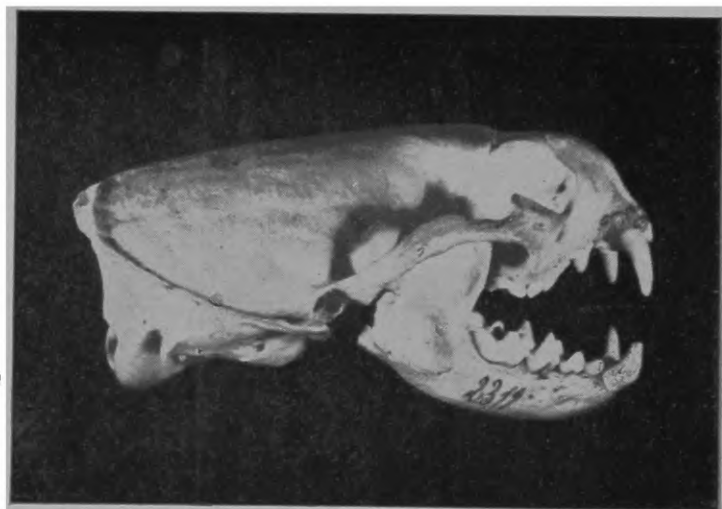
(1) O nome genérico *Cynogale* Lund, 1842, K. Danske Vidensk. Selsk. Nat. Afhandl., IX, pg. 201, tipo *Cynogale venaticus* Lund está antedatado por *Cynogale* GRAY, 1837, gênero de viverrídeo.

Speothos, gênero fóssil de LUND, 1839, Annals de Sc. Natureles, tomo XI, pg. 224. tipo *Speothos pacivorus* foi considerado válido por alguns autores.



Pteronura brasiliensis brasiliensis (Zimmerman), ♂ n.º 1658

(½ do tamanho natural)



Nasua nasua solitaria (Schinz) ♂ n.º 118

Lutra platensis Waterhouse ♂ n.º 2319

(½ do tamanho natural)

LOCALIDADE TIPO: Lagoa Santa, Minas Gerais.

NOME VULGAR: "Cachorro do mato" (São Paulo). "Vinagre" (Mato Grosso).

Colorido geral pardo escuro; pescoço, nuca e cabeça amarelo arruivado; orelhas e mento da mesma côr.

Ventre, pernas e cauda, pardo muito escuro.

Por entre a pelagem do corpo, principalmente no dorso, existem fios esparsos de pêlos esbranquiçados.

Dada a raridade desta espécie, pouco se pode dizer sôbre as variações de colorido tão comuns nos outros cânidas.

O exemplar n.º 2864 de Colônia Hansa, Santa Catarina e sôbre o qual H. IHERING baseou o seu *Speothos wingei* é quase albino apresentando coloração pardo amarelada muito clara em quase todo o corpo, com exceção das pernas e da cauda.

No outro exemplar n.º 2902 da mesma localidade, o colorido em nada difere do exemplar n.º 4026 proveniente do município de São João da Boa Vista, Estado de São Paulo.

Tem sido encontrado desde as Guianas, Equador e nordeste do Perú, até o norte do Paraguai através de todo o Brasil até o Estado de Santa Catarina.

Não é porém comum em parte alguma, sendo mesmo pouco conhecido pelas populações rurais do interior.

Tem hábitos diferentes dos outros cães selvagens da América do Sul, pois é o único que se reúne em bandos mais ou menos numerosos para caçar pequenos mamíferos.

DIMENSÕES EXTERNAS E CRANIANAS

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Compr. total crânio	Compr. palatilar	Largura bizigomática	Largura caixa craniana	Largura inter-orbital	Série mol. sup.	Compr. mandibular
2684 ♀	740	110	132	61	80	46	24	41	102,5
2685	—	—	133	63	81	47	24	42	102
4060	760	150	—	—	—	—	—	—	—
2902	730	110	—	—	—	—	—	—	—

Nas medidas acima, vê-se claramente que as diferenças de tamanho em que se baseou H. IHERING para erigir a sua nova espécie, não tem fundamento, pois o exemplar de São João da Boa Vista é bem maior e o de Santa Catarina é menor e de igual colorido.

EXEMPLARES DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA:

N.º 2684 ♀, 2685 e 2902, Colônia Hansa, Santa Catarina, Ehrhardt e Luederwaldt, col., 1903 e 1910 (peles abertas e crânios).

„ 4060, São João da Boa Vista, São Paulo, oferta, 1935 (pele aberta sem crânio).

Família **PROCYONIDAE**Gênero **NASUA** Storr

Nasua Storr, 1870, Prodrömus Meth. Mammal., pg. 35.

GENÓTIPO: *Viverra nasua* Linnaeus.

Caracterizado pelo focinho muito alongado com extremidade móvel como uma diminuta tromba; orelhas curtas e arredondadas; membros curtos, com mãos e pés munidos de dedos reunidos na base por membrana e com fortes unhas; cauda comprida, não preensil.

Crânio estreito e alongado com forte crista sagital nos machos adultos.

$$F. D.: i \frac{3}{3} c \frac{1}{1} p \frac{4}{4} m \frac{2}{2} = 40$$

Premolares cônicos; molares mais ou menos quadrados; caninos grandes com bordos cortantes e recurvos; incisivos superiores externos separados dos outros por longo espaço.

E' gênero quase exclusivamente sul-americano, compreendendo seis raças conhecidas no Brasil, (1) das quais somente uma ocorre no sul do país: *N. nasua solitaria* Schinz.

Nasua nasua solitaria Schinz

Nasua solitaria Schinz, 1821, Das Thierreich, vol. 1, pg. 199; Wied, 1826, Beitrage Naturg. Brasil., vol. II, pg. 292; Burmeister, 1854, Thiere Brasiliens, pg. 121; H. Ihering, 1893, Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 27.

Nasua socialis Wied, 1826, Beitrage Naturg. Brasil., vol. II, pg. 283; Goeldi, 1893, Mamíferos do Brasil, pg. 73.

Nasua solitaria e socialis H. Ihering, 1893, Os Mamíferos de S. Paulo, Catálogo, pg. 28.

(1) Cf. VIEIRA, 1945, Sobre uma coleção de Mamíferos de Mato Grosso, Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo, vol. IV, pg. 404.

Nasua narica (não de Linnaeus) Pelzeln, 1883, Brasil, Säugethiere, pg. 56 (Ipanema e Rio); Trouessart, 1904, Cat. Mammal. Supplem., pg. 185; H. Ihering, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional, Rev. Museu Paulista, vol. VIII, pg. 233.

Nasua hensei Lönnberg, 1921, Arkiv for Zoologi, band 4, n.º 1, pg. 101 (Sta. Catarina).

LOCALIDADE TIPO: Espírito Santo.

NOMES VULGARES: “Coatí”, “Coatí mundéu”.

Colorido geral cinza escuro pardacento, mesclado de amarelo.

Cabeça pardo amarelada com manchas esbranquiçadas sôbre os olhos; focinho preto, mento esbranquiçado; orelhas pretas, margina-das de pêlos brancos; pêlos do dorso de duas côres: amarelo na base e preta na parte mediana, o que dá uma tonalidade cinza amarelada; membros anteriores e posteriores com o mesmo colorido; mãos e pés pretos; ventre pardacento; cauda amarelo pardacenta com sete ou oito anéis muito escuros, assim como a extremidade.

Conforme a idade, essa coloração está sujeita a inúmeras variações.

Nos machos velhos, o colorido da cauda é muito descorado, quase não se notando os anéis escuros.

É comum apresentarem tendências ao melanismo como no exemplar n.º 1925, ♂ de Itapura que tem a cabeça quase negra, assim como a parte mediana do dorso até a base da cauda, apresentando esta anéis muito mais negros que os dos outros exemplares provenientes da mesma localidade.

Outras vezes tem pronunciado colorido canelino, principalmente no dorso e na cauda onde mal sobressaem os anéis pretos. Neste caso estão os exemplares n.º 1926 de Itapura e 3908 de Cananéia.

Dois fêmeas adultas provenientes do município de Assiz e caçadas no mesmo bando, apresentam notáveis diferenças de colorido: a de n.º 6627 tem o dorso arruivado e os anéis pretos da cauda pouco perceptíveis, ao contrário da de n.º 6628 que é muito mais cinzenta.

Como se vê são muito freqüentes as variações individuais, o que leva os caçadores a distinguirem várias espécies.

EXEMPLARES DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA:

- N.º 284 e 285 — ♂ ♂ — Poço Grande, São Paulo, Hempel col., 1898 (peles abertas).
 „ 451 — ♂ juv. e 677 ♀ — São Paulo, comprado, sem data (peles abertas)
 „ 723 — Ourinhos, São Paulo, Lima, col., 1901 (pele aberta).
 „ 1078 ♂, 791, 835, 2814, 2923 e 2980 ♀ ♀ — Ituverava, São Paulo, Dreher, col., 1902 (peles abertas).

- N.º 1860 — ♀ — Ubatuba, São Paulo, Garbe, col., 1904 (pele aberta).
 „ 1925 ♂ e 1926 ♀ — Itapura, São Paulo, Garbe, col., 1904 (peles abertas).
 „ 2361 ♂ juv., Estação Rio Grande, São Paulo, sem data (pele aberta).
 „ 3158 ♂ e 5909 ♀ juv., Lins, São Paulo, Lima, col. e Olalla, 1913 e 1941 (peles ab.).
 „ 3714 — Presidente Epitácio, São Paulo, Lima, col., 1926 (pele aberta).
 „ 4059 — São João da Boa Vista, São Paulo, oferta, 1936 (pele aberta).
 „ 6002 — ♀ — Serra da Bocaina, São Paulo, Olalla, col., 1941 (pele cheia).
 „ 6267 e 6268, ♀ ♀, rio Paranapanema, Assiz, S. Paulo, Lima, col., 1943 (peles ab.).
 „ 6296 — ♂ — Terra Roxa, São Paulo, oferta, 1944 (pele aberta).
 „ 423 — Jacarezinho, Paraná, Lima, col., 1901 (pele aberta).
 „ 2459 ♂, 2460, 2461 e 2462 ♀ ♀, Paraná, Garbe, col., 1907 (peles abertas).
 „ 3883 ♂ e 3784 ♂ juv., Miranda, Mato Grosso, Lima, col., 1930 (peles abertas).
 „ 6203 ♀ — Chaves, Espírito Santo, Olalla, col., 1942 (pele cheia).

Gênero **PROCYON** Storr

Procyon Storr, 1780, Prodr. Meth. Mammal., pg. 35.

GENÓTIPO: *Ursus lotor* Linnaeus.

Caracteriza-se pela cabeça alongada posteriormente; focinho pontudo; orelhas grandes e ponteagudas; unhas não retráteis; cauda mais curta que o corpo.

Crânio mais curto que o de *Nasua*, com caixa craniana achatada, crista sagital pouco saliente ou ausente; arcada palatina quase plana, estendendo-se muito além do último molar; bulas timpânicas grandes.

$$F. D.: i \frac{3}{3} c \frac{1}{1} pm \frac{4}{4} m \frac{2}{2} = 40$$

Incisivos e caninos grandes; premolares cônicos; molares largos.

Procyon cancrivorus nigripes Mivart

Procyon nigripes Mivart, 1885, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 347.

Procyon cancrivorus Wied, 1826, Beitr. Nat. Brasiliens, vol. II, pg. 301; Pelzeln, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 56 (Ipanema); Goeldi, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 74; H. Ihering, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, pg. 28.

Procyon cancrivorus brasiliensis H. Ihering, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional; Rev. Mus. Paul., vol. VIII, pg. 228.

Procyon cancrivorus nigripes Hollister, 1914, Biol. Soc. Wash., pg. 215; Allen, 1916, Mammal of the Roosevelt Brazilian Exp., pg. 573 (Corrientes, Argentina).

LOCALIDADE TIPO: Paraguai (1)

NOMES VULGARES: “Guaxinim”, “Mão pelada”.

Mede de 60 a 65 centímetros do focinho à raiz da cauda que tem de 30 a 40 centímetros, tendo portanto o mesmo tamanho dum coati.

Pêlo curto e espesso, arrepiado e dirigido para diante no pescoço e na nuca.

Colorido geral cinza amarelado, muito mais claro nas partes inferiores. Cabeça cinza pardacenta; mento e lábios esbranquiçados; olhos circundados de preto com mancha branca sôbre cada um dêles. Pernas e pés negros, despídos de pêlos nas extremidades. Cauda provida de pêlos compridos e ornada de anéis pretos; extremidade preta.

Os filhotes são de colorido uniforme amarelo esbranquiçado, com cauda, pernas e pés escuros, aparecendo porém as manchas pretas em tórno dos olhos.

H. IHERING em sua monografia separou a variedade de pés pretos do Brasil como a subespécie *brasiliensis*. Conforme HOLLISTER (2) essa designação de IHERING é antedatada por *nigripes* de MIVART (3) 1885, baseado no “black-footed” Raccoon de Sclater, 1875 (Proceed. Zool. Soc. London, p. 421).

A raça típica *Procyon cancrivorus cancrivorus* de pés pardacentos, tem como localidade tipo Caiena, Guiana Francesa e é própria das Guianas e Colômbia até a América Central. Possivelmente ocorre nos extremos limites do Brasil com as Guianas.

Como os coatis, êstes procionidas estão sujeitos à variações conforme a idade. Assim, os exemplares de n.^{os} 2651 ♀, Bahia; 2809 ♂, Estado do Rio; 1673 ♂, Joinville e 2652 ♀, Argentina, são de colorido geral pardo acinzentado, predominando o pardo amarelado nas partes inferiores do corpo.

Os outros exemplares de nossa coleção estão na primeira fase mais escura em que predomina o colorido amarelo acinzentado, sendo as partes inferiores amarelo esbranquiçadas. Os pêlos do dorso são muito mais densamente enegrecidos.

(1) Designada por ALLEN — Bull. Am. Mus. Nat. Hist., 1916, vol. XXXVI, p. 573.

(2) Proceed. Biol. Soc. Washington, 1914, vol. XXVIII, pg. 215.

(3) Proceed. Zool. Soc. London, 1885, pg. 347.

DIMENSÕES CRANIANAS

N.º	Compr. total	Compr. condilo basal	Largura bizigomática	Largura inter-orbital	Compr. palatilar	Série mol. sup.	Compr. mandibular
2651 ♂ Bahia	135	125	95	30	71	42	96
2824 ♂ São Paulo	127	120	86	27	67	39	90
2825 ♂ São Paulo	130	127	85	25	71	43	95
1673 ♂ Sta. Catarina . . .	127	120	84	26	66	41	87
2337 ♂ R. G. do Sul . . .	130	125	83	25	71	41	87

EXEMPLARES DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA:

- N.º 2651 ♀ — Vila Nova, Bahia, Garbe, col., 1908 (pele aberta).
 „ 2418 ♀ Espírito Santo, Garbe, col., 1906 (pele aberta)
 „ 4223, 4224, ♀ ♀ e 4225 ♂ — Cana Brava, Goiaz, Blaser, col., 1932 (peles abertas).
 „ 2809 ♂ Serra de Macaé, Rio de Janeiro, Garbe, col., 1909 (pele aberta).
 „ 2852 ♂ — Avanhandava, São Paulo, Garbe, col., 1910 (pele aberta).
 „ 1180 ♂, 6114 ♂, 6477 e 6478 juv. Est. de São Paulo, 1932 (peles abertas).
 „ 1673 ♂ — Joinville, Santa Catarina, Grossman, col., 1904 (pele aberta).
 „ 2562 ♂ Argentina (pele aberta).

Família MUSTELIDAE

Subfamília MUSTELINAE

Gênero GRISON Oken

Grison Oken, 1816, Lehrbruch Naturg., II, pg. XI e 1000.

TIPO: *Viverra vittata* Schreber.

$$F. D.: i \frac{3}{3} c \frac{1}{1} pm \frac{3}{3} m \frac{1}{2} = 34$$

Grison furax Thomas

Grison furax Thomas, 1907, Ann. Mag. Nat. History, serie 7, vol. 20, pg. 162.

Grisonia vittata Pelzeln, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 52 (Ipanema); Goeldi.

1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 171.

Galictis vittata H. Ihering, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, pg. 27.

Grison vittatus H. Ihering, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional, Rev. Museu Paulista, vol. VIII, pg. 244.

LOCALIDADE TIPO: São Francisco dos Campos, Minas Gerais.

NOMES VULGARES: "Furão". "Cachorrinho do mato".

Pequeno mustélida que, como todos os da subfamília *Mustelinae* são caracterizados pelo corpo muito alongado, membros curtos e baixos, cabeça achatada e dentadura muito forte.

O crânio é alongado e com caixa encefálica fortemente achatada, possuindo os machos adultos crista sagital bem saliente.

E' notável o colorido, pois as partes inferiores do corpo, isto é, garganta, peito e ventre, são negras, ao passo que as partes superiores são amarelo acinzentadas, o que constitue exceção nos mamíferos que, em regra geral, tem essas partes mais claras.

Na cabeça, sôbre os olhos uma faixa amarelada característica que se prolonga posteriormente ao longo do pescoço.

Esta espécie foi por muito tempo confundida com sua similar amazônica que, além de maior diferencia-se principalmente no dente carniceiro inferior que, como o da irara, possui uma cúspide interna.

Foi THOMAS que, em 1907 (1) demonstrou que a denominação *Grison vittatus* Schreber cabe a esta última, pois SCHREBER em 1775, baseara sua *Viverra vittata* num espécime proveniente do Surinam.

THOMAS ainda separou os furões sem cúspide interna no dente carnívoro inferior no gênero *Grisonella*.

A ausência dessa cúspide suplementar contudo na opinião de muitos autores não autoriza essa separação num novo gênero, permitindo apenas a diferenciação específica.

DIMENSÕES EXTERNAS E CRANIANAS

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Compr. total do crânio	Compr. condilo basal	Largura bizigomática	Largura inter-orbital	Largura caixa craniana	Compr. palatilar	Série sup. mol.	Compr. mandibular
Entre Rios 1247 ♂	550	150	78	74	45	15	33	35	18	47
Pirapora 3066 ♂	490	130	80	78	45	15	34	35	18	47
Butantã 6467 ♂	500	170	80	78	44	16	34	35	18	47
Ubatuba 1808 ♂	450	130	76	74	42	16	34	34	17	43
S. Lourenço 230 ♂	550	170	83	80	48	17	34	37	17,5	52

(1) Ann. Mag. Nat. History, serie 7, vol. 20, pg. 162.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA:

- N.º 120 juv., São Sebastião, São Paulo, Bicego, col., 1895 (pele aberta).
 ,, 135 e 136, juv., Piquete, São Paulo, Zech, col., 1897 (peles abertas).
 ,, 978 ♀ e 2483, Ipiranga, São Paulo, Lima, col., 1903 e 1904 (peles abertas).
 ,, 1629 ♀, Alto da Serra, São Paulo, comprado, 1903 (pele aberta).
 ,, 1808 ♂, Ubatuba, São Paulo, comprado, 1903 (pele aberta).
 ,, 6463, 64, 65, 66 e 67 ♂ ♂, Butantã, São Paulo, col. em 1936 e ofertados em 1944.
 ,, 1247 ♂, Entre Rios, Estado do Rio de Janeiro, comprado em 1904 (pele aberta).
 ,, 2877 ♀, Estado do Rio de Janeiro, oferta do Inst. O. Cruz, 1904 (pele aberta).
 ,, 3066 ♂, Pirapora, Minas Gerais, Garbe, col., XI-1919. (pele aberta).
 ,, 3506 ♂, Itabuna, Bahia, Garbe col., XI-1919 (pele aberta).
 ,, 230, 231, 232 e 347 ♂ ♂, São Lourenço, Est. R. G. Sul, Enslén, col., 1896 (peles ab.).

Gênero **TAYRA** Oken

Tayra Oken, 1816, Lehrbuch Naturgesch., 3 ter Theil Zool., 2 te. Abth., pg. XI, 1001.

GENÓTIPO: *Mustela barbara* Linnaeus.

Corpo alongado; membros curtos; unhas não retráteis.

Cabeça larga com crânio achatado; forte crista sagital nos machos adultos.

$$F. D.: i \frac{3}{3} c \frac{1}{1} pm \frac{3}{3} m \frac{1}{2} = 34$$

Crânios longos e robustos; molares relativamente pequenos, mas fortes. Dente carniceiro inferior com cúspide pequena ou ausente.

Tayra barbara gulina (Schinz)

Mustela gulina Schinz, 1821, Das Thierreich, vol. 1, pg. 209.

Mustela barbara Wied, 1826, Beitrage Naturg. Brasil., vol. II, pg. 283 (Espírito Santo).

Galictis barbara Pelzeln, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 52 (Ipanema); H. Ihering, 1893, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 118; idem, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, pg. 27; Goeldi, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 71.

Tayra barbara H. Ihering, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional, Rev. Museu Paulista, vol. VIII, pg. 298 (em parte).

Galera barbara M. Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 28 (Caiçara, Mato Grosso).

Tayra barbara gulina J. A. Allen, 1916, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 35, pg. 572 (Corumbá e Paraguai).

LOCALIDADE TIPO: Morro da Arara, Espírito Santo.

NOMES VULGARES: "Irara". "Papa-mel".

São reconhecidas hoje cêrca de uma dezena de raças de *Tayra barbara* (Linnaeus), pois sua distribuição é bem extensa, abrangendo tôda a América Central e a maior parte da América do Sul.

Dessas, três podem ser consideradas no Brasil: a típica *Tayra barbara barbara* (Linnaeus) própria do Brasil oriental e tendo como localidade tipo Pernambuco (1); *Tayra barbara madeirensis* Lönnberg (2) cuja localidade tipo é Humaitá, Amazonas; *Tayra barbara gulina* (Schinz), considerada por J. A. ALLEN como ocorrendo do Estado do Espírito Santo, através do Brasil Meridional até o Paraguai (3).

Esta raça diferencia-se da outra nordestina no colorido, que é mais escuro, principalmente no terço posterior do corpo e no crânio que é mais robusto e relativamente mais largo e curto. (4)

Os exemplares desta raça medem, quando adultos, de 55 a 65 centímetros do focinho à raiz da cauda que tem mais ou menos 45 centímetros.

O colorido geral é cinza muito escuro, quase preto luzidio nas partes superiores e inferiores, inclusive pernas, pés e cauda. Pescoço e orelhas de colorido cinza amarelado; na garganta, umá grande mancha branco amarelada.

Observam-se freqüentemente variações de colorido, mesmo em exemplares adultos e da mesma procedência, pois é notável a tendência dêstes mustélicas para o albinismo ou melanismo.

Assim, o exemplar de n.º 4261, ♂ adulto, de Santo Antônio, Mato Grosso, é quase inteiramente preto com o pescoço e a cabeça cinza muito escuro, ao contrário dos exemplares também adultos de Salobra, Mato Grosso, em que essas partes do corpo são muito mais claras. O de n.º 6295 de Iporanga, sul do Estado de São Paulo é inteiramente albino e os de n.ºs 441, Colônia Hansa, Santa Catarina e 2061 e 2062, ♀ ♀, do Estado de São Paulo, são apenas esbranquiçados.

(1) Designada por LÖNNBERG, Arkiv for Zoologi, band 8, pg. 19.

(2) Arkiv for Zoologi, band 8, pg. 20.

(3) Bull. Amer. Museum Nat. Hist., vol. XXXV, pg. 572.

(4) Não possui atualmente o Departamento de Zoologia material do nordeste do Brasil, motivo porque não damos as medidas comparadas dos crânios.

DIMENSÕES CRANIANAS

N.º	Compr. total crânio	Compr. condilo basal	Largura bizigomática	Largura inter-orbital	Largura caixa craniana	Compr. palatilar	Série mol. sup.	Compr. mandibular
1162 ♀ Itararé .	106	110	63	23	43	52	25	68
2974 ♂ Ituverava	120	114	74	29	45	57	25	78
4294 ♂ Salobra .	112	113	73	26	44	56	23	74
5933 ♀ Rio Doce	104	105	62	24	42	50	23	65
4239 ♂ Goiaz . .	112	113	67	29	48	57	25	76

EXEMPLARES DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA:

- N.º 5933 ♀, Faz. Sussuí, rio Doce, Minas Gerais, Olalla, col., 1940 (pele cheia).
 „ 2726 ♀, 2727 e 2728 ♂ ♂, Teófilo Otoni, Minas Gerais, Garbe, col., (peles abertas).
 „ 4241, 4242, 4243 e 4244, ♀ ♀, Cana Verde, Goiaz, Blaser, col., 1932 (peles abertas).
 „ 4261 ♂, Santo Antônio, Mato Grosso, J. Lima, col., 1937 (pele aberta).
 „ 3375 ♂, Corumbá, Mato Grosso, Garbe, col., 1908 (pele aberta).
 „ 4294 ♂, Salobra, Mato Grosso, Vieira, col., 1939 (pele aberta).
 „ 837 ♂ e 2924 ♀, Franca, São Paulo, Dreher e Garbe, col., 1903 e 1911 (peles ab.).
 „ 1162 e 1163, ♀ ♀, Itararé, São Paulo, Garbe, col., 1903 (peles abertas).
 „ 1807 ♂, Ubatuba, São Paulo, Garbe, col., 1903 (pele aberta).
 „ 2061 e 2062, ♀ ♀, Estado de São Paulo, 1908 (peles abertas).
 „ 3673 ♀, Cubatão, São Paulo, sem data (pele aberta).
 „ 2974, 2975 e 2976, ♂ ♂, Ituverava, São Paulo, Garbe, col., 1911 (peles abertas).
 „ 2848 ♂, Baurú, São Paulo, Garbe, col., 1910 (pele aberta).
 „ 6295, Iporanga, São Paulo, Vieira, col., 1944 (pele aberta).
 „ 2468 ♂ e 2469 ♀, Estado do Paraná, Garbe, col., 1907.
 „ 441, Colônia Hansa, Santa Catarina, sem data.
 „ 3149, Rio Grande do Sul, Garbe, col., 1914.

Subfamília *LUTRINAE*Gênero *PTERONURA* Gray

Pteronura Gray, 1868, Proceed, Zool. Soc. London, pg. 61.

Genótipo: *Pteronura sandbachii* Gray.

Dentição igual ao do gênero *Lutra*; crânio muito maior e mais robusto, caracterizado pela extrema redução dos processos post-orbitais.

Pteronura brasiliensis paranensis (Rengger)

Lutra paranensis Rengger, 1830, Naturg. Säugethiere Paraguay, pg. 128.

Lutra brasiliensis H. Ihering, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, pg. 28; M. Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas, anexo 5, Zoologia, pg. 28 (rio Jaurú, Mato Grosso).

Pteronura brasiliensis H. Ihering, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional; Rev. Mus. Paul., vol. VIII, pg. 262.

Pteronura brasiliensis paranensis Pohle, 1929, Archiv. fur Naturgesch., Abth., 85, Heft. 19, pg. 133.

LOCALIDADE TIPO: Paraguai.

NOME VULGAR: "Ariranha".

É esta a maior espécie desta subfamília, chegando a atingir 1 metro e 20 centímetros medidos do focinho à raiz da cauda que alcança 1 metro.

Colorido geral pardo muito escuro; garganta e pescoço inferior pardo marelados.

Duas raças são reconhecidas na América do Sul *Pteronura brasiliensis brasiliensis* (Blumenbach) e *Pteronura brasiliensis paransis* (Rengger) (1).

A primeira raça é peculiar ao Perú, Guianas e Amazônia e a segunda é do Brasil Central e Meridional, Uruguai e Argentina.

DIMENSÕES CRANIANAS

N.º	Compr. total	Compr. condilo basal	Largura bizigomática	Largura inter-orbital	Compr. palatilar	Série mol. sup.	Compr. mandibular
1658 ♂ R. G. do Sul . .	155	153	95	19	72	40	103
2323 ♂ São Paulo . . .	150	149	96	19	74	40	101
5888 ♂ Mato Grosso . .	170	—	100	23	79	45	107
5173 ♀ Amazonas . . .	138	137	85	19	67	39	92

EXEMPLARES DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA:

- N.º 4063 ♀ — Estado de São Paulo, 1935 (pele aberta).
 „ 3161 e 3162 — rio Araguaia, Goiás, Garbe, col., 1914 (peles abertas).
 „ 3768 — Mato Grosso, 1937 (pele aberta).
 „ 5888 ♂, 5889 e 5890, juv., Salobra, Mato Grosso, Travassos, col., 1941 (peles cheias).

Gênero **LUTRA** Erxleben

Lutra Erxleben, 1777, Syst. Regn. Animal, pg. 470.

Genótipo: — *Mustela lutra* Linnaeus.

Este gênero é caracterizado pelos pés curtos e arredondados com dedos revestidos de membranas natatórias; focinho quase todo revestido de pêlos; pêlo curto e sedoso.

Crânio achatado, com crista sagital bem desenvolvida (nos machos adultos); bulas timpânicas achatadas.

(1) Cf. POHLE, 1929, Archiv. fur Naturg., Abt. 85, Heft 19, pg. 133.

$$\text{F. D.: } i \frac{3}{3} \text{ c } \frac{1}{1} \text{ pm } \frac{4}{3} \text{ m } \frac{1}{2} = 36$$

Caninos grandes e cônicos; primeiro premolar superior muito reduzido e situado internamente ao lado dos caninos. Dente carnívoro superior muito mais largo que comprido, ao contrário do inferior.

Lutra platensis Waterhouse

Lutra platensis Waterhouse, 1938, Zoology of the Voyage of the "Beagle", Mammalogia, pg. 21, pl. XXXV, fig. 4.

Lutra solitaria Pelzeln, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 53 (Ipanema).

Lutras paranensis H. Ihering, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, pg. 28; idem, 1914, Os Mamíferos do Brasil Meridional; Rev. Mus. Paul., v. VIII, pg. 260; M. Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas, anexo 5, Zoologia, pg. 28 (Veado Branco, Mato Grosso).

LOCALIDADE TIPO: Maldonado, Uruguai.

NOME VULGAR: "Lontra".

Muito menor que a espécie precedente, atinge no máximo 1 metro e 20 centímetros de comprimento, dos quais cerca de 52 pertencem à cauda.

Pelagem curta, espessa e sedosa, de colorido pardo lustroso característico em tôdas as partes superiores do corpo; partes inferiores muito mais claras, quase amareladas.

São reconhecidas atualmente duas espécies dêste gênero no Brasil: *Lutra platensis* WATERHOUSE (1) do Brasil Meridional e Central, Uruguai e Argentina e *Lutra mitis* THOMAS, das Guianas e Amazônia.

Esta é muito menor e com pêlos mais curtos. Seu crânio é menos robusto, com a região interorbital mais estreita e bula timpânica pequena.

(1) NEHERING em 1900, S. B. Gess. Nat. Freud, Beil., pg. 221, demonstrou que *Lutra paranensis* de Rengger, 1830, Naturg. Säugethiere. von Paraguay, pg. 128, foi baseada na "ariranha" (*Pteronura brasiliensis*).

(2) Cf. THOMAS, 1908, Ann. Mag. Nat. Hist., vol. VIII, pg. 390.

DIMENSÕES CRANIANAS

N.º	Compr. total	Largura bizigomática	Largura inter-orbital	Compr. condilo basal	Compr. palatilar	Compr. mandibular
1046 ♂ Est. de S. Paulo	122	76	20	113	51	74
5171 ♂ Rio Juruá	116	72	19	111	50	73
1080 ♀ Est. de S. Paulo	108	66	19	101	44	65
5172 ♀ Rio Juruá	105	66	19	100	42	65

EXEMPLARES DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA:

- N.º 283 — Poço Grande, Juquiá, São Paulo, 1897 (pele aberta).
 „ 1080 — ♀ — Estado de São Paulo, 1903 (pele aberta).
 „ 1100 — ♀ — Franca, Estado de São Paulo, Dreher, col., 1903 (pele aberta).
 „ 2841 — ♂ Baurú, Estado de São Paulo, Garbe, 1910 (pele aberta).
 „ 436 e 580 — Colônia Hansa, Santa Catarina, Ehrhardt, col., 1902 (peles abertas).

Subfamília *MELINAE*Gênero *CONEPATUS* Gray

Conepatus Gray, 1837, Mag. Nat. Hist., I, pg. 1851.

Genótipo: *Mephitis humboldtii* Gray.

Cabeça cônica, focinho pontudo, despido de pêlos na parte superior e obliquamente truncado na parte inferior; orelhas muito curtas e arredondadas. Pés anteriores munidos de compridas e fortes unhas em forma de garras recurvas; pés posteriores com unhas menores; ambos os pés com plantas nuas. Cauda relativamente grande com pêlos compridos e hirsutos. Duas glândulas ovais na região perineal que se comunicam com o reto formando excrecências perfuradas, as quais, voluntariamente comprimidas pelo animal, produzem ejaculações dum líquido oleoso e de odor nauseabundo.

$$\text{F. D.: } i \frac{3}{3} c \frac{1}{1} p \frac{2}{3} m \frac{1}{2} = 32$$

Crânio comprido e achatado com ossos nasais curtos; fraca crista sagital nos machos adultos; abóbada palatal curta e fortemente côncava.

Conepatus chilensis chilensis (Desmarest)

Mephitis chilensis Desmarest, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., vol. XXI, pg. 515; H. Ihering, 1893, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 26; Goeldi, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 73.

Mephitis (Thiosmus) chilensis Pelzeln, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 54.

Conepatus nasutus var. *chilensis* Gray, 1869, Cat. Carnivorus British Museum, pg. 153.

Conepatus chilensis H. Ihering, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional; Rev. Mus. Paulista, vol. VIII, pg. 256.

LOCALIDADE TIPO: América Meridional. (1)

NOME VULGAR: "Jaritataca", "Maritataca", (São Paulo); "Cangambá" (Nordeste).

Duas são as espécies dêste gênero que ocorrem no Brasil: *Conepatus suffocans* (Illiger), bem conhecida na Argentina e Uruguai e ocorrendo somente no Rio Grande do Sul e *Conepatus chilensis* (Desmarest) que ocorre desde a região serrana do Rio Grande do Sul até a Amazônia.

H. IHERING em sua monografia reconheceu a existência de 3 subespécies de *C. chilensis*: *C. chilensis chilensis* (Desmarest) para o Brasil Meridional; *C. chilensis bahiensis* (Ihering), baseada num exemplar da Bahia e *C. chilensis amazonicus* (Licht.), para o Norte do Brasil.

No que toca às dimensões, o crânio do exemplar número 2649, sobre o qual IHERING baseou a sua subespécie, pouco difere dos de números 3067 e 3068 de Pirapora, Minas Gerais, muito maior que o de *C. chilensis chilensis* e constituído de ossos muito mais fortes; tendo a arcada zigomática muito mais ampla e forte crista sagital.

Pela sucinta descrição de IHERING (Rev. Mus. Paul., tomo VIII, pg. 57) parece tratar-se da mesma raça do Brasil setentrional *C. chilensis amazonicus* (Licht.) que, além de muito maior que a raça meridional *C. chilensis chilensis* (Desm.), tem a cauda mais comprida, pêlos mais curtos e lisos; cabeça muito mais clara.

(1) O *Gulo suffocans* de ILLIGER (Verhand. Akad. Berlin, 1811, pg. 109) foi baseado no "Yaguaré" de AZARA (Apuntamientos para la Historia Natural de los Quadrúpedos del Paraguay, 1802, vol. I, pg. 187).

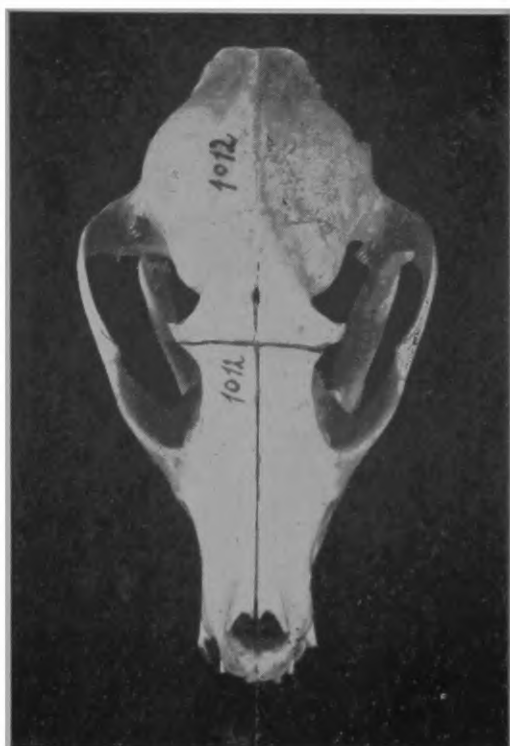
AZARA não teve notícia de sua existência no Paraguai, mas conheceu-o da Argentina, dando para seu limite setentrional 29° e 30° de latitude sul e para limite meridional, o estreito de Magalhães.

O. THOMAS (Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 7, vol. 9, 1902, pg. 240), baseando-se no fato das excursões de AZARA terem sido feitas no rio Paraná, designou para localidade tipo desta espécie um ponto do rio situado exatamente nessa latitude.



Chrysocoyon brachyrus (Illiger) ♂ n.º 3700.

(½ do tamanho natural)



Lycalopex vetulus (Lund) ♂ n.º 1012 e ♀ n.º 1011
(½ do tamanho natural)

Conepatus suffocans (Illiger) da Argentina e Rio Grande do Sul é bem menor e de pêlos muito mais compridos; colorido variando do pardo escuro ao negro e, sôbre o dorso, nascendo na nuca, correm duas estrias brancas separadas por largo espaço escuro que se vai perder na região lombar; a cauda tem as extremidades mescladas de preto e branco.

Conepatus chilensis é maior e apresenta duas largas estrias brancas separadas por um espaço muito estreito, tendo também grande parte da cabeça e da cauda brancas.

MEDIDAS CRANIANAS

N.º	Compr. total	Compr. condilo basal	Largura bizigomática	Largura inter-orbital	Compr. palatilar	Série mol. sup.	Compr. mandibular
2649 ♂ Bahia	90	81	58	23	36	19	58
3067 ♂ Pirapora	91	82	55	24	37	19	58
3068 ♂ Pirapora	86	78	55	21	33	19	55
1010 ♂ Franca	76	70	44	23	29	18	48
2336 ♂ j. Est. S. Paulo.	71	65	48	23	25	16	45
3538 ♂ Est. S. Paulo . .	76	70	44	23	29	18	48

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA:

N.º 1009 — ♂ juv. e 1010 — ♂, Franca, São Paulo, O. Dreher, col., IV-903 (peles abertas e cheias).

„ 3066, 2336 e 3538 ♂ ♂ — Estado de São Paulo (crânios)..

Subordem: PINNIPEDIA

Família OTARIIDAE

Esta família é caracterizada pela presença de minúsculas orelhas ponteagudas e pés posteriores dirigidos para diante o que permite ao animal locomover-se em terra com relativa facilidade, o que não se dá com os outros pinípedes.

Seus dois únicos gêneros ocorrem nas costas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e, esporadicamente, aparecem mais para o norte, alcançando o litoral dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. (1)

(1) H. IHERING em 1894, em seu Catálogo dos Mamíferos de São Paulo, à pg. 29, afirma não ter tido conhecimento até aquela data da ocorrência de nenhum pinípede na costa do Estado de São Paulo.

GOELDI, em 1893, em sua Monografia dos Mamíferos do Brasil, diz que dois exem-

De *Arctocephalus australis* (Zimm.), não há notícias no litoral paulista, tendo sido recentemente constatado o aparecimento de *Otaria flavescens* em Santos, na Praia Grande.

Gênero OTARIA Péron

Otaria Péron, 1816, Voyage aux Terres Australes, II, pg. 40, nota 37.

GENÓTIPO: *Otaria leonina* Péron (= *Phoca pileata* Forster).

Cabeça curta e larga; focinho truncado, com extremidade nua, formando um distinto disco sôbre as ventas; orelhas pequenas, curtas e cônicas. Pés anteriores grandes com unhas indistintas; cauda muito curta e cônica; pés posteriores grandes com as três unhas medianas longas; cauda muito curta.

Crânio grande constituído de ossos muito robustos e com abóbada palatina profundamente escavada, estendendo-se para traz até quase os ossos pterigoideos.

$$\text{F. D.: } i \frac{3}{2} \quad c \frac{1}{1} \quad pm \frac{4}{4} \quad m \frac{1 \text{ ou } 2}{1} = 34 \text{ ou } 36$$

Incisivos superiores médios, pequenos e com profundo sulco transversal nas coroas; incisivos superiores externos grandes, semelhantes aos caninos; caninos muito grandes, cônicos e recurvos.

Otaria flavescens (Shaw)

Phoca flavescens Shaw, 1800, General Zool., 1, pt. 2, pg. 260.

Otaria leonina Gray, 1866, Catalogue of Seals and Whales in the British Museum, pg. 50.

Otaria jubata H. Ihering, 1893, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 28; Goeldi, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 75.

Otaria flavescens Cabrera, 1940, Notas del Museo de La Plata, tomo V, Zool., pg. 22; Cabrera & Yepes, 1940, Mamíferos de Sud America, pg. 177; Osgood, 1943, The Mammals of Chile, pg. 99.

plares de *Arctocephalus australis* foram caçados naquela época próximo à baía do Rio de Janeiro.

MIRANDA RIBEIRO, em 1922 (Esbôço Geral da Fauna Brasileira) afirma que três espécies de pinípedes frequentam as costas brasileiras.

Conforme R. GLIESCH (Fauna de Torres, 1925) são duas as espécies que frequentam a chamada "Ilha dos Lobos" no litoral do Rio Grande do Sul: *Arctocephalus australis* e *Otaria flavescens*, sendo esta a mais comum.

LOCALIDADE TIPO: Estreito de Magalhães.

NOMES VULGARES: "Leão marinho", "Lobo marinho".

Apresenta notável dimorfismo sexual: o macho é muito maior atingindo até 3,50 metros e apresentando na nuca e pescoço pêlos compridos que lhe dão o aspecto de pequena juba. A fêmea, ao contrário, raramente atinge 2,50 metros e tem o corpo muito mais delgado não apresentando juba.

DIMENSÕES CRANIANAS

N.º	Compr. total	Compr. condilo basal	Largura bizigomática	Largura inter-orbital	Compr. palatilar	Compr. mandibular
2580 ♂	262	260	140	56	155	189
1101 ♂	340	338	185	65	215	277
2581 ♀	248	248	141	41	110	—

Esta espécie tem vasta distribuição nas costas da América do Sul, ocorrendo tanto no Pacífico como no Atlântico. No Pacífico, é conhecida desde as ilhas Galapagos até a Terra do Fogo, e, no Atlântico, daí para o norte, até o extremo sul do Brasil onde chega a aparecer em pequenas colônias no litoral do Rio Grande do Sul. (1)

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA:

- N.º 992 — Argentina, permuta do Museu de Buenos Aires, 1903 (montado).
 „ 1101 — Chile (crânio).
 „ 2580 e 2581 — Cidreira, Rio Grande do Sul, of. Pe. Schupp, 1908 (crânios).

BIBLIOGRAFIA

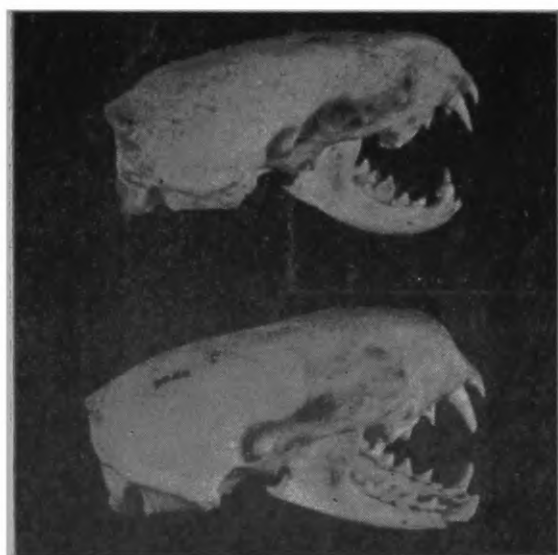
- Azara** — 1902 — Historia Natural de los Quadrupedes del Paraguay.
Wied — 1826 — Beiträge zur Naturgeschichte Brasiliens.
Rengger — 1830 — Naturgeschichte der Säugethiere von Paraguay.
Waterhouse — 1839 — Zoology of the Voyage of the "Beagle", part. 2, Mammalia.
H. Smith — 1839 — Jardine's Naturalist' Library, vols. I e II, Dogs.

(1) Cf. R. GLIESCH, 1925, A Fauna de Torres.

- Burmeister — 1854 — Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens, vol. I, Säugethiere.
- Gray — 1866 — Catalogue of Seals and whales in the British Museum.
- Gray — 1869 — Catalogue of Carnivorous, Pachydermata and Edentata in the British Museum.
- Mivart — 1881 — The Cat.
- Pelzeln — 1883 — Brasilische Säugethiere.
- Mivart — 1890 — Monography of the Canidae.
- Goeldi — 1893 — Os Mamíferos do Brasil.
- H. Ihering — 1893 — Os Mamíferos do Rio Grande do Sul.
- H. Ihering — 1894 — Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo.
- O. Thomas — 1903 — Notes on Neotropical Mammals of the Genera *Felis*.
- O. Thomas — 1903 — On the Mammals collected by Mr. A. Robert at Chapada, Mato Grosso; Proceed. Zool. Soc. London, vol. I, pg. 236.
- Trouessart — 1904 — Catalogus Mammalium, Supplementum.
- H. Ihering — 1911 — Os Mamíferos do Brasil Meridional; Rev. Museu Paulista, vol. VIII, pg. 147.
- Osgood — 1913 — The name "Aguarachay" de Azara; Proceed. Biol. Soc. Washington, 28, pg. 142.
- Thomas — 1914 — The Genera of South American Canidae; Ann. Mag. Nat. History, serie VIII, vol. XIII, pg. 345.
- Lönnberg — 1914 — Mammals from Ecuador and related forms; Arkiv for Zoologi, band 8, n. 16, pg. 52.
- Hollister — 1914 — Two new South American Jaguars; Proceed. U. S. Nat. Hist., Washington, n.º 148, pg. 169.
- Miranda Ribeiro — 1914 — Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas Mato Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia.
- J. A. Allen — 1916 — Mammals collected on the Roosevelt Brazilian Expedition; Bull. Am. Mus. Nat. History, vol. XXXV, pg. 559.
- Pocock — 1817 — The Classification of the existents Felidae; Ann. Mag. Nat. Hist., serie VIII, vol. XX, pg. 329.
- J. A. Allen — 1919 — Severtzow's Classification of the Felidae; Bull. Amer. Nat. Hist., vol. XLI, pg. 44.
- J. A. Allen — 1919 — Notes on Synonymy of the smallest spotted Cats of Tropical America; Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., vol. XLI, pg. 14.
- Nelson & Goldman — 1929 — List of the Pumas with three described as new; Journal of Mammalogy, n.º 10.
- S. Devicenzi — 1932 — Mamíferos del Uruguay.
- Goldman — 1933 — A new Puma from Brasil; Journal Washington Academy of Sciences, vol. 23, n.º 11, pg. 323.
- Cabrera — 1934 — Los jaguares viviente y extintos; Notas Preliminares del Museu de La Plata, n.º 2.
- Osgood — 1934 — The Genera and Subgenera of South American Canidae; Journal of Mammalogy, n.º 15.
- Tate — 1939 — The Mammals of the Gulana Region; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 76, pg. 151.
- Pocock — 1939 — The Races of Jaguars; Novitates Zoologicae, n.º 41, pg. 406.
- Cabrera — 1940 — Notas sobre Carnívoros sudamericanos; Notas del Museu de La Plata, tomo V, Zoologia, n.º 29.



Tayra barbara gulina (Schinz) ♂ n.º 3972 e ♀ n.º 2924
($\frac{1}{2}$ do tamanho natural)



Grison furax (Thomas) ♂ n.º 2336 e ♀ n.º 1010
Conepatus chilensis chilensis (Desmarest) ♂ n.º 3066 e ♀ s. n.
(½ do tamanho natural)

Cabrera & Yepes — 1940 — Mamíferos sud americanos.

Pocock — 1941 — The Races of the Ocelot and the Margay; Field Museum Nat. History, Zool. Series, vol. 27, pg. 318.

Moojen — 1943 — Alguns mamíferos colecionados no Nordeste do Brasil; Bol. Museu Nacional, Zoologia, n.º 1.

Osgood — 1943 — The Mammals of Chile; Field Museum of Nat. History, Zoological series, vol. 30.

